



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

**RENASCENÇA PORTUGUESA. O CONVENTO DE S. MARCOS JUNTO DE COIMBRA.
HISTÓRIA DO MONUMENTO, JAZIGO DOS REGEDORES DAS JUSTIÇAS.**

VASCONCELOS, Joaquim de

Ano: 1897 | Número: 14

Como citar este documento:

VASCONCELOS, Joaquim de, Renascença portuguesa. O convento de S. Marcos junto de Coimbra. História do monumento, jazigo dos regedores das justiças. *Revista de Guimarães*, 14 (2-3) Abr.-Jun. 1897, p. 57-117.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

RENASCENÇA PORTUGUEZA

O CONVENTO DE S. MARCOS

(JUNTO DE COIMBRA)

Historia do Monumento, jazigo dos Regedores das Justiças

(Seculos xiv a xvii)

9 Gonçalo Gomes da Silva, I Senhor de Vagos ¹

Filho unico de João Gomes da Silva e de sua segunda mulher D. Constança Gil de Iola.

Serviu El-Rei D. Fernando de Portugal, com todos os seus irmãos. Em 1379 estava Fronteiro em Ciudad-Rodrigo, que era por Portugal. Defendeu bem o logar, e alcançou valiosas mercês do monarcha: terras de Gestaçó e o cargo de Alcaide-mór de Montemór-o-Velho, que ficou na familia. N'elle estava ainda quando El-Rei falleceu (1383).

Nas luctas subsequentes com Castella ficou neutral, certo tempo, enquanto seu filho João Gomes da Silva seguia o Mestre de Aviz. Em 1385, indo o Mestre do cerco infructifero de Torres Vedras para as Côrtes de Coimbra, Gonçalo sabiu-lhe de Montemór (onde estava) ao encontro, e prestou-lhe menagem. Ao acto da proclamação em Coimbra assistem o pac e o filho (6 de Abril de 1385). D. João I fez-lhe mercês consideraveis: as terras de Vagos, Tentugal, Buarcos, Ginde, Meynedo, e a ribeira de Soas, que, na maior parte, haviam sido de Ayres Go-

¹ Os seus outros titulos foram Rico-Homem, Alcaide-mór de Montemór-o-Velho, Senhor de Unhão, Tentugal, Gestaçó, Ginde e Buarcos, Embaixador em Roma.

mes da Silva, o *Velho*, seu primo co-irmão, Alferes-mór de Portugal, cujos filhos as perderam, por terem passado para os castelhanos.

Em Abril de 1385 vai com D. João, Bispo de Evora, a Roma, como Embaixador, para pedir a Urbano vi dispensa de votos para D. João I poder casar, como Mestre d'Aviz (chega com duas galeras a Genova).

Falleceu em 1386. Salazar y Castro (Vol. II, pag. 224) demonstrou claramente que as palavras: *era 1424*, correspondem á era de Cesar, n'este caso (ou anno de 1386). A embaixada durou cerca de dois annos, 1385-86, e, tornando d'ella, falleceu em Evora, diz o epilaphio. Gonçalo Gomes não figurou na segunda embaixada a Roma, despachada logo depois da primeira, inefficaz, indo comtudo o seu companheiro, o Bispo de Evora; isto mesmo indica que era fallecido.

Casou Gonçalo Gomes com D. Leonor Coutinho, filha de Gonçalo Martins da Fonseca Coutinho, Senhor do Couto de Leonil (progenitor dos Condes de Marialva e do Redondo) e de D. Joanna Martins de Mello. Esta era filha de Martim Affonso de Mello, IV Senhor de Mello, e de D. Maria Soares de Albergaria, sua mulher.

Do casamento de Gonçalo Gomes com D. Leonor Coutinho nasceu:

João Gomes da Silva, II Senhor de Vagos (h).

Outros filhos de Gonçalo Gomes da Silva foram:

Diogo Gomes da Silva, Alferes-mór de Portugal e Rico-Homem, progenitor dos Senhores de Ulme e da Chamusca, Principes de Eboli e Duques de Pastrana;

Gomes da Silva, Alcaide-mór de Noudar ou Noudel;

Fernando da Silva, Estribeiro-mór d'El-Rei D. Duarte e D. Affonso V;

D. Joanna Gomes da Silva, casada com Lopo Dias de Azevedo, Senhor de Aguiar.

H João Gomes da Silva, II Senhor de Vagos ¹

Filho primogenito de Gonçalo Gomes da Silva e de D. Leonor Coutinho.

¹ Os seus outros titulos foram: Senhor de Unhão, Sepaes, Gestaçó, Meynedo e Ribeira de Soas, Alferes-mór e Copeiro-mór de D. João I.

Defende Coimbra, sob as ordens do Conde de Neiva, D. Gonçalo Tello de Menezes, contra os Castelhanos. Deixando seu pae na Alcaidaria de Montemór-o-Velho, corre ao Porto, a alistar-se na armada que sae d'alli em soccorro de Lisboa, cercada pelo Rei de Castella (1384). Toma parte na batalha naval sob os muros da cidade e na de Aljubarrota (1385). É nomeado, pelos seus serviços, Copeiro-mór de D. João I, depois da fuga do respectivo dignatario: Gil Vaz da Cunha, para Castella, em 1397.

Figura no cerco de Tuy, posto por D. João I (1398), e escala os muros triumphante, empunhando a bandeira real. Em 1411 assigna, como embaixador, a paz de Aillon (14 de Junho, segundo Fernão Lopes; e segundo Duarte Nunes de Leão a 31 de Outubro), que põe termo á guerra com Castella. Foram seus companheiros Martin d'Ocem, Governador da Casa do Infante D. Duarte, e o Dr. Beliago, Deão da Sé de Coimbra.

Em 1414 assiste ao Conselho de homens notaveis, que decidiu a expedição a Ceuta; e no anno seguinte embarca no Porto, como commandante de uma das sete galeras da expedição. Vão com elle, a Ceuta, seus irmãos: Gomes da Silva, Diogo Gomes da Silva e Ruy Gomes da Silva, seu primo, 1.º Alcaide de Campo-Maior e Ouguella. No regresso de Ceuta cede a seu irmão Diogo (fundador da casa da Chamusca), o cargo de Alferes-mór.

Falleceu, segundo o epitaphio, a 25 de Março de 1444. O *Agiologio* diz que morreu a 26 de Março de 1445. Fernando Gutierrez, apud Antonio da Gama, leu 25 de Março de 1424, o que é erro evidente em face do seu testamento, feito a 5 de Janeiro de 1441, que trata da fundação da Ermida de S. Marcos (*Nossos Documentos ineditos*, no appendice).

Interpretando mal o epitaphio, Jorge Cardoso (Vol II, pag. 532) attribue-lhe a fundação do *Convento* de S. Marcos (que pertence a D. Brites de Menezes), quando elle apenas fundou a *Ermida* de S. Marcos, que precedeu o convento.

Do casamento de João Gomes com D. Margarida Coelho nasceu Ayres Gomes da Silva (10), III Senhor de Vagos.

Outros filhos seus foram:

D. Thereza da Silva, cognominada *a Boa*, pelas suas virtudes. Foi dama da Rainha D. Felipa de Lencastre. Casou com Fernando Anes de Lima, Senhor de Lima. Foram paes de D. Leonel de Lima, I Visconde de Villa Nova de Cerveira.

Teve ainda os seguintes filhos naturaes:

Diogo da Silva, Thesoureiro-mór de D. Affonso V;

Pedro da Silva;

Lopo da Silva;

D. Isabel Gomes da Silva, filha de Inez Lopes. D. Isabel foi legitimada por El-Rei D. Duarte em 1436. Casou com Pedro Gonçalves Malafaia, Vedor da Fazenda de D. João I e D. Duarte; d'elles ficaram quatro filhos, com illustre descendencia (Vid. Salazar, vol. II, pag. 236-238).

10 Ayres Gomes da Silva, III Senhor de Vagos ¹

Filho primogenito de João Gomes da Silva, II Senhor de Vagos, e de D. Margarida Coelho.

Os seus feitos mais salientes começam com a empreza de Ceuta (1415). Foi ahí armado Cavalleiro pelo Infante D. Pedro, na mesma occasião e pelo mesmo heroico braço que consagrrou D. Alvaro Vaz de Almada, primeiro Conde de Abranches, Diogo Gonçalves Travassos, que repousa na Batalha, á entrada da Capella do Fundador, e outros, ao todo uns oito Cavalleiros, que nos campos de Alfarrobeira sellaram a sua fidelidade com sangue, e alguns com a vida. Em 1439 acompanhou Ayres Gomes o Infante, de Coimbra a Lisboa, onde as Côrtes o confirmaram na Regencia (Novembro). Em fins de 1440 o Regente, temendo as intrigas do partido da Rainha-viuva D. Leonor, confiou-lhe o governo da comarca do Porto, e em 1446 nomeou-o *Regedor das Justiças* do Reino, collocando-o na presidencia da Casa da Supplicação, cargo nobilissimo, que ficou ligado a este ramo da grande casa dos Silvas ². D. Affonso v entendeu dever retirar-lh'o, em 1448, para castigar a sua dedicação ao Duque de Coimbra. O nosso heroe assistiu, com seus dois filhos, João da Silva e Fernão Telles, á fatal batalha de Alfarrobeira (20 de Maio de 1449), mas não morreu na lucta, como dizem alguns auctores. O que perdeu foi os bens, que o monarcha restituiu depois da morte de Ayres a sua segunda mulher D. Brites de Menezes.

¹ Os seus outros titulos foram: Senhor de Unhão, Gestaçõ, Sepaes, Meynedo e da Ribeira de Soas, Alcaide-mór de Montemor-o-Velho e *Regedor das Justiças*.

² «Pues desde este caballero le han gozado otros doze Silvas, por varonia, y los nueve nietos suyos.» (Salazar y Castro, vol. II, pag. 242).

Falleceu, segundo o epitaphio, a 25 de Maio de 1454, com 55 annos; nasceu, portanto, em 1399. Casou primeiramente com D. Leonor de Miranda, de quem teve uma filha unica, D. Leonor da Silva, que, casando com D. João de Menezes, Senhor de Cantanhede, veio a ser mãe do 1 Conde de Cantanhede, D. Pedro de Menezes, progenitor, por varonia, dos Marquezes de Marialva.

Casou Ayres Gomes depois com D. Brites de Menezes, irmã de D. Fernando de Menezes, Senhor de Cantanhede e, portanto, pae de seu proprio genro. Eram estes Menezes netos de D. Gonçalo Telles de Menezes, Conde de Neiva e de Faria, irmão da Rainha de Portugal D. Leonor Telles. Este segundo matrimonio foi mais fecundo, nascendo d'elle:

João da Silva (2.º do nome), iv Senhor de Vagos;

Fernão Telles de Menezes, que ambos têm mausoleus em S. Marcos;

D. Isabel de Menezes, que casou com Rodrigo Affonso de Mello, Conde de Olivença, e jaz na Igreja dos Loyos, em Evora; fallecida em 12 de agosto de 1482.

D. Margarida de Menezes, que morreu Abbadessa de Santa Clara, de Coimbra.

1 D. Brites de Menezes

Filha de D. Martim de Menezes, Senhor de Cantanhede, e de D. Thereza Vasques Coutinho, Camareira-mór da Rainha D. Felipa de Lencastre.

Foi senhora de grande prudencia e auctoridade, e leal conselheira da Rainha D. Isabel, mulher de D. Affonso v, e sua Camareira-mór. Com seus prudentes avisos conseguiu a reconciliação dos Reaes esposos, depois da morte do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra. Tambem obteve de El-Rei, grato á sua lealdade, a restituição dos bens confiscados ao marido Ayres Gomes da Silva, e até a divisão da grande casa em dois morgados, Vagos e Unhão, para os dois filhos do casal (João da Silva, 2.º do nome, e Fernão Telles).

Foi D. Brites a verdadeira fundadora do *Convento* de S. Marcos, no lugar onde havia só a ermida de João Gomes da Silva. O seu testamento (28 de Julho de 1451) decide esta questão, tão embrulhada até hoje ¹. Não encontramos ainda a

¹ Nossos *Documentos ineditos*, no appendice.

data da sua morte; infere-se, porém, do seguinte: Seu confessor, Fr. João Velho, veio do Mosteiro do Matto (junto de Alemquer) a pedido de D. Brites, para organizar a comunidade, em 1451. Em 1452 tomou elle e outros frades posse dos bens legados por D. Brites. Os nossos documentos ineditos affirmam que foi Prior de S. Marcos 10 annos (1452-1462), e que voltou para o Convento do Matto, logo que a sua confessada morreu, chamado pelo Superior da sua Casa. D. Brites devia ter fallecido pois em 1462.

2 João da Silva, 2.º do nome, IV Senhor de Vagos ¹

Filho primogenito de Ayres Gomes da Silva e de sua segunda mulher D. Brites de Menezes.

Foi partidario do Infante D. Pedro, como seu pae. Tendo D. Affonso v perdoado em 1449 aos servidores do Infante, os bens de Ayres Gomes foram restituídos á viuva, excepto os que possuia Martim Mendes do Berredo, por mercê d'El-Rei, os quaes só por morte do Berredo voltaram á casa dos Silvas. João da Silva ficou com as villas de Vagos e Montemór-o-Velho, e a Alcaidaria do Castello.

Em 1459 encontramol-o em Ceuta e depois na defeza de Alcazer-Ceguer, ganha no anno precedente por D. Affonso v; assistiu tambem á conquista de Arzilla (1471) e Tanger.

Em 1463 passou á Catalunha com D. Pedro, Condestavel de Portugal (filho do Duque de Coimbra), eleito pelos catalães Rei de Aragão, contra D. João II. O Condestavel sae de Ceuta, onde estava com seu primo D. Affonso v, e entra como Rei de Aragão e de Sicilia n'uma longa campanha. João da Silva marchou logo contra Gerona, alcançando differentes victorias, que lhe valeram o titulo de *General del Ampurdan*, que conservava ainda em 1465. Em 1466 morre o Condestavel (29 de Junho) de veneno, segundo a fama; e deixa por herdeiros o Principe de Portugal D. João, seu sobrinho. Os catalães preferem, porém, acclamar Renato, Duque de Anjou. Tanta inconstancia e traição desgostou os fidalgos portuguezes,

¹ Os seus outros titulos foram: Alcaide-mór de Montemór-o-Velho, *General del Ampurdan* e Camareiro-mór de D. João II.

recolhendo uns ao reino, como João da Silva, e passando outros a servir nas hostes de D. João de Aragão, que por fim venceu a revolta dos catalães.

Tratando El-Rei de pôr casa ao Príncipe, foi o famoso capitão nomeado Camareiro-mór, cargo que conservou até á morte, justo premio dos maiores serviços!

As luctas de D. Affonso v com Castella, por causa da successão ao throno visinho (1476-79, questão da *Excellente Senhora* D. Joanna), deram logar a novos feitos de João da Silva. Em um d'elles encontrou morte heroica. Os chronistas portuguezes e hespanhoes contam o caso com pormenores diferentes. Resumindo e apurando as relações mais veridicas ¹, resulta o seguinte :

Os castelhanos n'uma entrada, tomam Ouguella; o príncipe D. João, que estava em Estremoz, acode a vingar o insulto, mandando o Camareiro-mór na vanguarda. Este, conhecendo a valentia e o nome do invasor que devastava o campo, corre ao desafio e encontra o capitão Martim Galindo, sobrinho do Mestre d'Alcantara D. Francisco de Solis. Era noite; investem os dois furiosamente, e no primeiro impeto, cahem ambos mortalmente feridos, á vista dos bandos consternados (1475). Foi um duello mortal, que castelhanos e portuguezes respeitaram, não ferindo mais um só golpe n'esse dia. Um padrão conservou até nossos tempos o feito de Ouguella ².

O Príncipe D. João, muito sentido com a morte de tão va-

¹ Temos os testemunhos de Garcia de Rezende (*Chronica de D. João II*), Damião de Goes (*Chronica do Príncipe D. João*) e Duarte Nunes de Leão (*Chronica de D. Affonso V*) que variam entre si e não concordam com as dos auctores hespanhoes : Rades de Andrada e Pellicer. Foi D. Francisco de Solis, que Salazar y Castro chama *intruso* Maestre de Alcantara, quem tomou Ouguella; deixou n'ella seu irmão Pedro Pantoja, que teve um filho, chamado Martim Galindo, o qual nem foi Mestre eleito de Alcantara, como quer Goes, e o proprio epitaphio de S. Marcos, nem se chamava João Fernandes Galindo, como affirma D. Nunes de Leão. Goes quer que João da Silva sobrevivesse 17 dias ao seu adversario; o epitaphio diz 21.

² O Padrão de Ouguella encontra-se citado em Pinho Leal (*Portugal antigo e moderno*, vol. vi, pag. 309), que o descreve como « uma pedra de fôrma cylindrica » (o pedestal de uma cruz) com a seguinte inscripção :

Na era de 1475 durante a celebre | batalha entre Portugal e Castella, | se encontraram n'este lugar, João | da Silva, Cama-

lente cavalleiro e leal amigo, deu logo o officio de Camareiro-mór a seu filho Aires da Silva.

Casou João da Silva com D. Branca Coutinho, sua prima, filha de Fernão Coutinho, Senhor de Penaguião e Armamar, e de D. Maria da Cunha. Do matrimonio nasceram :

Ayres da Silva, 2.º do nome, v Senhor de Vagos, Alcaide de Montemór e *Regedor das Justiças* ;

Gongalo da Silva, Senhor de Abiul ;

D. Fernando Coutinho da Silva, Bispo de Lamego e de Silves e *Regedor das Justiças* ;

D. Beatriz da Silva, que casou com Manuel de Mello, Alcaide-mór de Olivença e irmão do Conde de Olivença (Jazem na egreja do Convento dos Loyos, em Evora) ;

D. Leonor da Silva, casada duas vezes (1.ª com Christovão de Mello, Alcaide-mór de Evora, e 2.ª com D. Henrique Henriques, II Senhor dos Alcaçovas) ;

D. Maria da Silva, casada com Diogo Lopes de Souza, Senhor de Miranda, Mordomo-mór de D. Affonso v ;

D. Isabel da Silva, casada com Fernão Martins Mascarenhas, Alcaide-mór e Commendador de Aljustrel na ordem de S. Thiago.

3 Ayres da Silva, 2.º do nome, V Senhor de Vagos ¹

Filho primogenito de João da Silva e de D. Branca Coutinho.

A sua vida está cheia dos episodios mais interessantes.

Em 1475 já era, posto que muito moço, Camareiro-mór do Principe D. João ; e um dos seus favoritos. Foi elle que prendeu o Duque de Bragança, em Evora, no palacio das cinco quinas (ainda existente ; hoje da casa de Cadaval) no dia

reio-mór do Principe | D. João, o Segundo, e João Fernandes | Galindo, o Terceiro Mestre de Alcantara | sendo ambos capitães. E do encontro | morreram ambos, o Mestre, | logo, e João da Silva, aos XXVIII | dias : e Diogo da Silva, bisneto de | João da Silva, passando por aqui, | Embaixador ao Concilio Tridentino, | mandou fazer esta cruz. | Era de 1551 annos.

¹ Os seus outros titulos foram : Alcaide-mór de Montemór-o-Velho, Regedor das Justiças, Embaixador a Inglaterra, Cavalleiro da Jarreteira, e Camareiro-mór de D. João II.

29 de Maio de 1483 ¹. Na mesma Evora fez brilhante figura nas esplendidas festas e torneios do casamento do Principe D. Affonso (1490), e logo em Julho de 1491 assistiu á tragica morte do desditoso noivo em Santarem, que expirou nas casas de seu tio Fernão Telles de Menezes, Senhor de Unhão. Quatro annos depois vê morrer D. João II em Alvor, envenenado, e recebe do moribundo o testamento que nomeia D. Manuel, successor á corôa. Andados outros quatro annos, acompanha o corpo do seu grande protector, o Principe Perfeito, exumado da cathedral de Silves ao mosteiro da Batalha (1499). Emfim, é ainda Ayres da Silva quem suffoca as desordens de 1506 em Lisboa, por occasião da malança dos judeus (19 de Abril).

Salazar y Castro falla de uma missão sua a Inglaterra perante Henrique VII, que o nomeára cavalleiro da Ordem da Jarreteira.

Fôra do Reino ainda Ayres da Silva se distinguiu em Africa, na empreza que os chronistas chamam *Da Graciosa*. Era uma fortaleza levantada no rio de Larache para prevenir as piratarías dos mouros sobre as costas da peninsula. O Rei de Fez pôz-lhe cerco, impedindo a sua conclusão. Ainda que Ayres tentasse libertar os sitiados, commandados por D. Diogo de Almeida, Prior do Crato, não o conseguiu; por fim fez-se um tratado de paz, retirando os nossos com todas as honras da guerra, e demoliu-se a fortaleza. O mouro contentou-se com a confirmação da paz, estipulada antes com D. Affonso V, o que Ayres da Silva, autorisado por El-Rei, lhe concedeu (27 de Agosto de 1489).

Sobre o officio de *Regedor das Justiças* ha a advertir que o teve por desistencia de seu irmão D. Fernando Coutinho da Silva, Bispo de Silves, o qual renunciou no começo do reinado de D. Manuel; em 1497 já Ayres possuía o cargo, quando acompanhou o monarcha a Alcantara nas ceremonias do casamento com a Princeza D. Isabel, filha dos Reis Catholicos. Foi o terceiro Silva (conforme Salazar), que gozou de tal titulo.

Falleceu a 25 de Março de 1530, tendo renunciado em

¹ É historico o dito do Duque ao Regedor das Justiças, que pretendia consolal-o: « Senhor Ayres da Silva, a homem tal como eu não se prende para soltar ». (Rezende, *Chronica*, cap. XLIII, pag. 59, ed. de 1798). Tres semanas depois, a 20 de Junho, cortavam-lhe a cabeça na praça publica de Evora.

1522 o cargo de Regedor das Justiças em seu filho João da Silva, com licença de D. João III.

Foi Ayres da Silva que deixou em S. Marcos as melhores obras de arte, como provámos na historia do monumento.

Casou com D. Guiomar de Castro, irmã de D. Alvaro de Castro, Senhor de Boquilobo, Governador de Lisboa e da Casa do Civel.

Seus filhos foram :

João da Silva, 3.º do nome, vi Senhor de Vagos ;

Francisco da Silva, religioso franciscano ;

Fernando da Silva, que falleceu de pouca idade ;

D. Beatriz de Castro, casada com D. Gonçalo Coutinho, Alcaide-mór d'Arruda ;

D. Joanna de Castro e Silva, casada com Francisco de Faria, Senhor de Evora-Monte e Alcaide-mór de Palmella.

5 João da Silva, 3.º do nome, VI Senhor de Vagos ¹

Filho primogenito de Ayres da Silva e D. Guiomar de Castro.

Deve ser chamado o *Regedor das Justiças* por excellencia, e um magistrado exemplar, segundo o dizer dos contemporaneos e dos posteros. Se não occupou o cargo os *quarenta annos*, de que falla o epitaphio (mas sómente uns trinta e cinco), é, comtudo, certo que o regeu, como nenhum outro Silva, antes ou depois ².

Os seus feitos militares passaram-se todos em Africa, onde gastou o melhor da vida. E este amor das luctas heroicas o fez

¹ Os seus outros titulos foram : Alcaide-mór de Montemor-o-Velho e de Lagos, Regedor das Justiças, e Commendador de Mesejana, na Ordem de S. Thiago.

² As discordancias que Salazar y Castro encontra entra o epitaphio e as affirmações do chronista Francisco de Andrada, harmonisam-se do seguinte modo : João da Silva substituiu seu pae por vezes no cargo de Regedor das Justiças, mesmo antes de 1522, pois ha documentos de 1517 em diante, em que assigna como tal, apesar da sua nomeação official datar sómente de 18 de Março de 1523, segundo consta do *Livro das Mercês* do dito anno, fl. 42, v. De 1517 até 1557 (sua morte) medeiam os *quarenta annos*, de que falla o epitaphio.

talvez trocar a pacífica Alcaidaria de Montemór-o-Velho, nos fertéis campos do Mondego, por identico cargo em Lagos, no Algarve, onde tinha o mouro á vista e á mão da lança.

Em 1498 (com 16 annos apenas) acompanhou El-Rei e a Rainha D. Isabel a Castella, onde foram jurados Príncipes herdeiros da monarchia visinha. De 1510 a 1518 vemol-o batalhando em Africa; em 1510 na defeza de Arzilla; em 1513 com o Duque D. Jayme na tomada de Azamor, onde fei um dos primeiros no assalto; depois obrando proezas na expedição de Benacafiz e Tafuf e na sangrenta batalha dos Alcaides (1514), ao lado do general de Azamor D. João de Menezes, seu tio. Em 1518 regressou a Portugal, sendo sempre muito favorecido por El-Rei D. Manuel, a cuja morte assistiu (13 de Dezembro de 1521).

D. João III distinguiu-o sobremodo tambem; deu-lhe o cargo de Regedor das Justiças em 1522, por renuncia de seu pae, e n'elle continuou até 1557, anno em que falleceu, a 10 de Junho, com 75 annos de idade.

Casou com D. Joanna de Castro, que jaz com elle; foi filho de D. Diogo Pereira, II Conde da Feira, e de D. Beatriz de Castro (irmã de D. Pedro de Castro, III Conde de Monsanto).

D'esta senhora teve:

Diogo da Silva, Alcaide-mór de Lagos;

Jorge da Silva, do Conselho de D. Sebastião, cavalleiro de grande fama, chamado, ora *Pae da patria* pelas suas virtudes, ora *Pae dos pobres* pela sua insigne clemencia;

Ruy Pereira da Silva, Alcaide-mór de Silves, fundador do Morgado de Monchique;

Luiz da Silva, Embaixador em Castella;

João Gomes da Silva, clerigo;

D. Guiomar de Castro, casada com D. Rodrigo Lobo, III Barão de Alvito;

D. Anna de Menezes, casada com D. Diogo de Frojaz Pereira, seu primo co-irmão, IV Conde da Feira;

D. Antonia de Castro, casada com Lourenço de Brito, Senhor dos Morgados de S. Lourenço de Lisboa e Santo Estevão de Beja;

D. Maria; D. Leonor da Silva e D. Francisca, todas tres freiras.

6 Diogo da Silva, Alcaide-mór de Lagos ¹ (Algarve)

Não figura, com numero especial, na casa de Vagos, porque não chegou a herdar a casa de seus paes, vi Senhores de Vagos, que lhe sobreviveram.

Filho primogenito de João da Silva (3.º do nome), e de D. Joanna de Castro. Nasceu em 1511.

Depois de servir com honra em Africa, desempenhou a melindrosa missão de Embaixador ao Concilio de Trento, segunda abertura em 1551. A credencial d'El-Rei, passada em Almeirim a 29 de Setembro, nomeia Diogo da Silva, em primeiro lugar, como Embaixador. Foram com elle o Dr. Diogo de Gouvêa, theologo; João Paes, Doutor em ambos os direitos, e Diogo Mendes de Vasconcellos, Doutor em Canones. No caminho para a Italia, Diogo da Silva, passando por Ouguella, ergueu allí o padrão, citado na biographia de seu bisavô João da Silva, iv Senhor de Vagos. Em 28 de Abril de 1552 assistiu a uma sessão solemne do Concilio. Tendo regressado ao reino, falleceu a 20 de Setembro de 1556, na sua Villa de Lagos, (Algarve) que estava fortificando por ordem d'El-Rei.

Casou com D. Antonia de Vilhena, filha de D. Diogo Lobo, ii Barão de Alvito, e de D. Leonor de Vilhena, sua segunda mulher e irmã de D. Luiz da Silveira, i Conde da Sortelha. Foi senhora de preclaros dotes e virtudes, que lhe levantou um formoso mausoleu, n'uma capella igualmente formosa, onde quiz repousar, a seu lado.

Gloria a uma austera dona, que, mandando seis filhos ás lidas da Africa, lhes ordenou que não voltassem á sua presença sem augmento da honra! Quatro lá ficaram mortos. Varonil e prudente educadora de seus filhos, rejeitou, apesar de nova e rica, todos os projectos de segundo casamento, depois da morte de Diogo da Silva, merecendo pelas suas virtudes o cognome de « Viuva da Observancia ». Ignora-se, infelizmente, a data da sua morte, que falta no epitaphio de S. Marcos; apenas apurámos que, morrendo o marido em 1556, quiz to-

¹ Os seus outros titulos foram: Commendador da Messejana, na Ordem de S. Thiago, Embaixador ao Concilio de Trento.

mar o veu de religiosa, sendo sómente dissuadida pelo dever, que lhe impunha a educação da sua prole.

Seus filhos foram :

Lourenço da Silva, VII Senhor de Vagos e Regedor das Justiças, morto em Alcacer-Quebir;

Luiz da Silva, « o Donzel », valido de D. Sebastião ;

Fernando da Silva, « o Rico Feitio », Conego da Sé de Lisboa ;

Pedro da Silva, Capitão geral de Tanger ;

André da Silva, que morreu em Alcacer-Quebir ;

Thomé da Silva, morto na mesma batalha ;

Bartholomeu da Silva, morto na mesma jornada ;

Nenhum d'estes seis heroes da Africa deixou successão ! — uma catastrophe ! Por esta, de um só ramo de uma familia, se podem medir as perdas das restantes gerações da nobreza do reino.

D. Leonor da Silva, casada com D. Duarte de Menezes, Senhor do Condado de Tarouca e Vice-Rei da India ;

D. Joanna da Silva e D. Anna da Silva, das quaes não ha noticias.

7 Lourenço da Silva, VII Senhor de Vagos ¹

Filho primogenito de Diogo da Silva, herdou a casa de Vagos em 1557, de seu avô João da Silva (3.º do nome), VI Senhor de Vagos, que sobreviveu a seu pae. Antes já possuía a Alcaidaria-mór e a Commenda infra cit.

Jorge da Silva, seu tio, disputou-lhe o cargo de Regedor n'uma longa demanda, por entender que o fallecimento do pae, antes do avô, lhe dava a elle, Jorge, a preferencia, por ser filho de João da Silva. Lourenço venceu, porém, o pleito, já no reinado de D. Sebastião, e provou pelo acerto e inteireza do seu proceder, que era digno das elevadas funcções, tradicionaes na sua familia.

Lourenço fundou na villa de Messejana um Convento de N. Senhora da Piedade, da Ordem de S. Francisco, provincia

¹ Os seus outros titulos foram : Alcaide-mór de Lagos, Commendador da Messejana, na Ordem de S. Thiago, e Regedor das Justiças.

dos Algarves. Esteve na fatal jornada da Africa e cahiu morto, ao lado de El-Rei, defendendo-o (1578).

Casou com D. Ignez de Castro, irmã de seu cunhado D. Duarte de Menezes, Senhor de Tarouca.

Seus filhos foram ;

Diogo da Silva, 2.º do nome, VIII Senhor de Vagos e Regedor das Justiças ;

Luiz da Silva, morto em Cunhale ;

Ayres da Silva, que morreu servindo na India ;

Pedro da Silva, I Conde de S. Lourenço, Regedor das Justiças, Governador e Capitão general do Brazil ;

Jorge da Silva, captivo na batalha de Alcacer, fallecendo depois em Africa ;

Frey João da Silva, frade carmelita da Observancia ;

D. Leonor da Silva, casada com Diogo Henriques de Gusmão, seu primo, e irmão do VII Conde de Alba de Liste.

(?) **Diogo da Silva, 2.º do nome, VIII Senhor de Vagos** ¹

Filho primogenito de Lourenço da Silva e de D. Ignez de Castro.

Escapou da jornada da Africa ; prisioneiro em Alcacer, resgatou-se a dinheiro. O Cardeal-Rei conferiu-lhe no regresso o cargo de Regedor, confirmado por Felipe II, que soube apreciar os seus serviços durante o periodo da fusão das duas monarchias. Morreu no cargo, em 1595.

Não ha noticia de haver sido sepultado em S. Marcos e por isso não tem numero na *Topographia* dos Tumulos.

Casou duas vezes, a primeira com D. Beatriz de Mendonça, filha de D. Fernando de Menezes, Alcaide-mór de Castello Branco, e de D. Felipa de Mendonça ; a segunda com D. Margarida de Menezes, filha e herdeira de D. João Tello de Menezes, Senhor de Aveiras, um dos cinco Governadores do Reino por morte do Cardeal-Rei, e de sua mulher D. Isabel de Mendonça.

Do primeiro enlace teve um filho unico :

¹ Os seus outros titulos foram : Alcaide-mór de Lagos (Algarve), Commendador da Messejana e Regedor das Justiças.

Lourenço da Silva, 2.º do nome, IX Senhor de Vagos.

Do segundo :

João da Silva Tello de Menezes, I Conde de Aveiras, XI Senhor de Vagos, Regedor das Justiças e Viso-Rei da Índia ;

D. Isabel de Mendonça, casada com Fernão Martins Freire de Andrade, Senhor de Bobadella.

C Lourenço da Silva, «o Cego», 2.º do nome, IX Senhor de Vagos ¹

Filho primogenito de Diogo da Silva, 2.º do nome, e de D. Beatriz de Mendonça.

Sucedeu na casa de seu pae e no officio de Regedor, mas não pôde exercel-o porque (diz a *Genealogia* ms. que possuímos fl. 37), « sendo moço, indo de Vagos para Aveiro, cegaram, repentinamente, elle, o cavallo em que ia e o lacaio que o acompanhava », provavelmente por effeito de algumas exhalações dos paúes d'aquella região. Salazar refere sómente o facto da cegueira. O cargo passou, por mercê de Felipe II, a Fernão Telles de Menezes, Alcaide-mór de Moura, e depois a outros, como se verá na *Chronologia dos Regedores*.

Casou com D. Maria de Vilhena, irmã de Diogo Lopes de Sousa, II Conde de Miranda, progenitor dos Marquezes de Aronches.

Teve :

Diogo da Silva, 3.º do nome, que morreu de pouca idade ;

Luiz da Silva, que foi X Senhor e I Conde de Vagos, por mercê de Felipe III.

Por seguir o partido de Castella depois de 1640, perdeu o Senhorio da Casa, que passou para a familia do I Conde de Aveiras, por mercê de D. João IV. O Aveiras obteve tambem o cargo de Regedor das Justiças.

¹ Os seus outros titulos foram : Alcaide-mór de Lagos, Commendador da Messejana e Regedor das Justiças.

(?) **Luiz da Silva, X Senhor e I Conde de Vagos** ¹

Filho de Lourenço da Silva, 2.º do nome.

Governava a casa de seu pae em 1619, quando Felipe III passou a Portugal. Ia occupar o cargo de Regedor das Justiças, quando rebentou a revolução de 1640. Seguiu o partido hespanhol, e entrou no serviço de Felipe IV, que o creou I Conde de Vagos e Mestre de Campo de infantaria. Pelejou com grande valor na Catalunha, morrendo na batalha de Llerida em 1646, heroicamente, crivado de balas. Não deixou geração. Não consta que tivesse sepultura em S. Marcos.

Assim acabou a linha primogenita da illustre casa de Vagos.

(?) **João da Silva Tello de Menezes, XI Senhor de Vagos e I Conde de Aveiras** ²

Filho de Diogo da Silva, 2.º do nome e VIII Senhor de Vagos, e de sua segunda mulher D. Margarida de Menezes, Senhora de Aveiras e herdeira d'esta casa.

Por sua mãe teve depois o titulo de Conde e pelo confisco da casa de Vagos, feito por D. João IV a seu sobrinho, o senhorio da antiga familia dos Silvas.

Distinguiu-se em 1625 na lucta da armada hispano-portugueza contra os inglezes. Felipe IV premiou-o com o titulo de Governador do Reino do Algarve; depois confiou-lhe a praça de Mazagão. Em 1638 foi creado Conde de Aveiras e Viso-Rei da India, onde governava seu cunhado Antonio Telles da Silva, depois Conde de Villa Pouca. Ainda na India, proclamou D. João IV, que lhe deu os seus bens do senhorio de Vagos, e o

¹ Os seus outros titulos foram: Alcaide-mór de Lagos, Commendador da Messejana, Regedor das Justiças e Mestre de Campo da infantaria hespanhola.

² Os seus outros titulos foram: Alcaide-mór de Lagos, Commendador de Arouca, Governador do Algarve e de Mazagão, Viso-Rei da India, Regedor das Justiças e membro do Conselho de Estado.

cargo de Regedor das Justiças. Morreu no caminho para Goa, em nova jornada á India, ao termo da qual lhe fôra prometido o titulo de Marquez de Vagos (1651).

Não consta que tivesse sepultura em S. Marcos.

Casou com D. Maria de Castro, irmã de Fernão Telles, I Conde de Unhão, e de Antonio Telles da Silva, Conde de Villa Pouca, todos tres filhos de Ruy Telles de Menezes e Silva, VIII Senhor de Unhão, e de D. Marianna da Silveira.

Tiveram os seguintes filhos:

Diogo da Silva, morto em Mazagão, no governo de seu pae;

Luiz da Silva Tello, II Conde de Aveiras e XII Senhor de Vagos;

Ruy Telles da Silva, porcionista do Collegio de S. Paulo em Coimbra, depois Capitão de Infantaria; morreu no mar, sem successão;

Frey Pedro Telles da Silva, religioso da Ordem de Christo;

D. Ignez de Castro, casada com D. Rodrigo de Alencastro, seu primo co-irmão, Commendador de Coruche, na ordem de Aviz. Os filhos d'este matrimonio casaram na casa dos Marquezes de Penalva; as filhas com os Sás e Menezes, dos Condes de Penaguião e Marquezes de Fontes;

D. Isabel de Castro, dama da Rainha D. Luiza de Gusmão, mulher de D. João IV.

4. Luiz da Silva Tello, XII Senhor de Vagos ¹ e II Conde de Aveiras

Filho segundo de João da Silva Tello de Menezes e de D. Maria de Castro, irmã de Fernão Telles, I Conde de Unhão e filha de Ruy Telles de Menezes e Silva, VIII Senhor da Casa de Unhão.

Sucedeu a seu pae em 1651 (o primogenito morrera em Africa, antes do pae). Serviu na India, sendo seu pae Viso-

¹ Os seus outros titulos foram: Alcaide-mór de Lagos, Regedor das Justiças, Commendador de Arouca, na Ordem de Christo, Gentil-homem da Camara de El-Rei D. Pedro II.

Rei. Foi um fidalgo prodigo, que empenhou a sua grande casa, e desfalcou suas rendas, apesar do enorme dote de sua primeira mulher. Falleceu em 1672.

Casou duas vezes, a segunda com D. Marianna de Alencastro, sua prima co-irmã; não teve successão; e a primeira vez com D. Joanna Inez de Portugal, que lhe levou um dote immenso; era filha de D. Alvaro Peres de Castro, 1 Marquez de Cascaes e vi Conde de Monsanto, e de D. Marianna de Portugal.

Do primeiro matrimonio nasceram:

João da Silva Tello, iii Conde de Aveiras, que effectuou a trasladação dos restos de seu pae e mãe (?) para o mausoleu da Capella-mór, lado da Epistola;

Nuno Alvares da Silva Tello, Conego da Sé de Coimbra;

Manoel da Silva;

D. Maria de Portugal, casada em 1671 com D. Gil Eannes da Costa, ii Conde de Soure;

D. Constança de Portugal, casada com Antonio Luiz da Camara Coutinho, Alcaide-mór de Villa-Bella;

D. Margarida de Portugal, freira no Convento da Encarnação em Lisboa.

(?). **João da Silva Tello, XIII Senhor de Vagos
e III Conde de Aveiras**

Teve ainda os titulos de Alcaide-mór de Lagos, Regedor das Justiças e Commendador de Arouca, na Ordem de Christo.

Filho do ii Conde, a quem succedeu em 1672; e ainda que El-Rei D. Pedro ii o nomeasse Regedor, não teve o cargo senão honorariamente, por causa da sua pouca idade; diz Salazar em 1685 «no ha entrado à posseerla por la falta de sus años».

Estava então casado com D. Juliana de Noronha, irmã do ii Conde de Soure, seu cunhado.

Era seu herdeiro Luiz da Silva, menino.

Até aqui os Senhores de Vagos e os de Lagos.

A. Gonçalo da Silva, Senhor do Abiul

Filho segundo de João da Silva, 2.º do nome, e de D. Branca Coutinho, iv Senhores de Vagos.

Acompanhou El-Rei D. Manuel e a Rainha D. Isabel a Castella, quando foram allí jurados Principes (Junho de 1498).

Falleceu em 1521, em Lisboa, segundo o epitaphio.

Casou com D. Joanna da Silva, sua prima em terceiro grau, filha de Gonçalo Borges, Senhor de Carvalhaes e Verde-milho, e de D. Isabel da Silva. D. Joanna morreu em 1542.

Seus filhos foram :

André da Silva, II Senhor d'Abiul, casado com D. Francisca de Menezes, filha de João Ruiz de Vasconcellos;

João da Silva, chamado « o Cid », por seu muito valor ¹. Serviu em Azamor com grande brio;

D. Francisca da Silva, casada primeiro com Henrique Moniz, Alcaide-mór de Silves; segunda vez com Bernardino Freire de Andrade;

D. Maria da Silva, casada com Fernando Peres de Andrade, Provedor-mór dos Armazens e Capitão-mór das naus da India, e um dos mais valentes soldados do Oriente portuguez.

B. Luiz da Silva, « o Africano »

Filho do Regedor João da Silva, 3.º do nome, VI Senhor de Vagos, e de sua mulher D. Joanna de Castro.

Nasceu em 1517 e falleceu em 1543.

Salazar suppõe que foi o mesmo Luiz da Silva, que figurou como embaixador em Castella, em 1521, junto de Carlos V, por causa da questão das Moluccas. Não pôde ser, pois tinha então 4 annos. Outro Luiz da Silva, « o Donzel », tambem da familia dos Regedores, foi embaixador em Castella, mas no tempo de D. Sebastião. Salazar (vol. II, pag. 275) confunde, enganado por Sandoval (*Hist. de Carlos V*) D. Luiz da Silva, com D. Luiz da Silveira, que foi precisamente embaixador em Castella de 1522-24, por causa da questão das Moluccas (Vid. Santarem, *Quadro elem.*, vol. II, pag. 28 e seguintes).

Damos-lhe a alcunha « o Africano », para o distinguir dos seus homonymos.

¹ Assim diz a nossa *Genealogia* ms.; Salazar põe-lhe outra alcunha, *el Cidique*, sem duvida por lapso.

D. Luiz da Silva, « o Donzel »

Filho segundo de Diogo da Silva, Alcaide-mór de Lagos (N.º 6), e de sua mulher D. Antonia de Vilhena.

Foi Camareiro-mór, Vedor da Fazenda e do Conselho de Estado de El-Rei D. Sebastião.

A historia cita-o como um dos personagens que mais influiram no animo do príncipe, na questão africana. Acompanhou-o na ultima e fatal jornada em 1578. Salazar ¹ dá-o como morto na batalha, o que é falso. Voltou ao reino, onde o Cardeal-Rei o mandou processar, como responsavel do tremendo desastre nacional. Pouco tempo sobreviveu, pois a inscrição tumular diz que fallecêra em Montemór-o-Velho a 25 de Setembro de 1580, com 36 annos.

Quiz ser heroe e casto, como um sublime visionario do cyclo bretoniano!

Cavalleiro que se inspirára na lenda do Santo Graal, como n'um evangelho, viveu cercado de visões, como o velho Condestavel, nos ultimos annos de cenobita do Carmo.

Paz á sua alma!

Casou com D. Joanna de Tavora, irmã de Christovão de Tavora, Alcaide-mór de Caparica e de Salvaterra, e tambem valido de El-Rei. Depois da morte de seu marido, ella professou no mosteiro da Madre de Deus, em Lisboa. Uma tragedia intima.

Não tiveram descendentes.

CC. Fernando da Silva, « o Rico Feitio »

Filho terceiro de Diogo da Silva, Alcaide-mór de Lagos, e de D. Antonia de Vilhena. Entrou na Companhia de Jesus e occupou depois um canonicato na Sé de Lisboa. Salazar affirma ter sido um dos melhores theologos e prégadores do seu tempo. O seu ardente zelo pela fé levou-o a aconselhar a jornada de Africa, em que teve grande culpa, como seu irmão Luiz

¹ Liv. VIII, cap. VIII, pag. 280-281.

da Silva, « o Donzel », valido de D. Sebastião. Seguiu El-Rei, batalhou e cahiu prisioneiro, depois de ter recebido uma lançada, que, desfigurando-o, lhe impoz um sello heroico.

(?) **D. Fernando Coutinho da Silva, Bispo de Lamego**

Foi tambem Bispo de Silves e Regedor das Justiças. Nasceu terceiro filho de João da Silva, 2.º do nome e iv Senhor de Vagos, e de D. Branca Coutinho.

Cursou os estudos em Florença. Foi primeiro, simples parochio na freguezia de S. Salvador de Montemór-o-Velho, sua patria. Em 1451 era Prior da dita egreja e em 1488 passou a D. Prior da Collegiada de Guimarães e Regedor das Justiças, cargo que exercia ainda em 1497. D. João II collocou-o em 1492 na Sé de Lamego. Em 1502 trocou o lugar com o Bispo do Algarve D. João de Madureira, precedendo licença de D. Manuel. Fundou no Algarve differentes conventos. Ahi falleceu muitissimo velho, em 1535. De Isabel Villarinho, mulher nobre, filha de Fernando Caldeira, fidalgo do Algarve, teve varias filhas que se metteram freiras; uma, porém, deixou illustre descendencia. Chamou-se:

D. Isabel da Silva e para ella fundou o Bispo o *morgado de Monchique*, com grossas rendas. Casou-a com Ruy Pereira da Silva, seu sobrinho, 3.º filho de João da Silva, vi Senhor de Vagos. O prelado impôz a obrigação de que todas as femeas que succedessem no morgado, casariam com varões da linhagem dos Silvas.¹

Como falleceu na sua diocese, alli foi sepultado; falta em S. Marcos.

8. Fernão Telles de Menezes, I Morgado de Unhão² e IV varão dos Silvas, na posse das terras de Unhão

Filho segundo de Ayres Gomes da Silva, iii Senhor de Vagos, e de D. Brites de Menezes, sua segunda mulher.

¹ Vid. Salazar e D. Joaquim de Azevedo, *Hist. ecclesiast. da Cidade e Bispado de Lamego*. Porto, 1878, pag. 69-70.

² Os tres primeiros Senhores de Unhão são, é claro, os I, II e III Senhores de Vagos. Com a instituição do novo morgado,

A veneração que sua mãe tributava á stirpe dos Menezes, da qual descendia ¹, foi talvez a causa da divisão da herança de Ayres Gomes, salva do confisco pelas diligencias de sua viuva perante D. Affonso v. A filha unica do primeiro matrimonio de Ayres Gomes, D. Leonor da Silva, já tinha recebido um grande dote, os bens de sua mãe D. Leonor de Miranda; não podia, portanto, oppôr-se á divisão da casa do Regedor, em *Vagos* e *Unhão*. Documentos ineditos, que temos á vista, dizem positivamente que foi D. Beatriz quem solicitou a partilha a El-Rei D. Affonso v; não houve, pois, intuito politico n'isso, nem imposição do monarcha, como Salazar presume. (Vol. II, pag. 252).

Fernão Telles seguiu o partido do Infante D. Pedro, como seu irmão primogenito e seu pae, até ao encontro de Alfarrobeira (1449). El-Rei perdoou-lhes no mesmo anno. Em 1459 combatia em Ceuta, e soccorria valorosamente a fortaleza de Alcacer-Ceguer. Tomou parte na infeliz empresa do Infante D. Fernando (irmão de D. Affonso v) sobre Tanger (1474), em que morreram 200 cavalleiros, e ficaram prisioneiros mais 100. Depois resgatou-se e regressou ao reino, batalhando nas luctas de D. Affonso v com Castella. Já era então Mordomo-mór da Princeza D. Leonor, esposa do Principe D. João (depois D. João II), posição que manteve quando Rainha de Portugal. D. João II deu-lhe a Commenda de Ourique.

Estava vivendo tranquillamente em Santarem, onde tinha a sua casa, quando foi mandado a Alcacer do Sal a fim de apaziguar um motim popular. Partiu, caminho de Lisboa e Setubal, mas uma pedra, perdida, feriu-o mortalmente na cabeça quando andava no meio do povo (1 de Abril de 1477, segundo o epitaphio). Salazar declara não saber o anno em que a fatal pedrada o matou. Todavia o epitaphio confessa-o claramente. Falta n'elle, por desfavor da sorte, a data do passamento de sua esposa, que lhe foi tão dedicada. A ella se deve o sumptuoso mausoleu de S. Marcos, com eloquente inscripção.

Casou com D. Maria de Vilhena, sua prima em segundo grau e irmã de seu cunhado D. Rodrigo de Mello, Conde de

os Senhores de Vagos largam o antigo Senhorio á linha recémcreada. Os seus outros titulos foram: Senhor de Gestacó, Meynedo, Sepaes e da Ribeira de Soas, Commendador de Ourique, na Ordem de S. Thiago, Mordomo-mór da Rainha D. Leonor.

¹ Vid. a biographia de seu marido.

Olivença. Foi Camareira-mór da Rainha D. Leonor, mulher de D. João II.

Os filhos d'este matrimonio foram :

Ruy Telles de Menezes, v Senhor de Unhão, Commendador de Ourique e Mordomo-mór da Rainha D. Maria (segunda mulher de D. Manuel) e da Infanta D. Isabel, depois Imperatriz. Foi tambem, por escolha de D. Manuel, Governador da casa do Infante D. Luiz, seu Guarda-mór e Camareiro-mór;

Ayres Telles da Silva, amigo leal de D. João II; assistiu á sua morte em Alvor (1495) e tal paixão sentiu, que tomou logo depois o habito de S. Francisco, em que morreu;

João da Silva, e outros irmãos que morreram na infancia;

D. Joanna de Vilhena, casada com D. João de Menezes, 1 Conde de Tarouca, General de Tanger, Mordomo-mór de El-Rei D. Manuel;

D. Felipa de Vilhena, casada com Nuno Martins da Silveira, Senhor de Goes, etc., Mordomo-mór da Rainha D. Catharina, mulher de D. João III. Foram os paes do 1 Conde da Sortelha, D. Luiz da Silveira, poeta, grão dezidor de sentenças agudas, Guarda-mór e valido de D. João III.

Substituiu-o nas boas graças do monarcha o 1 Conde de Castanheira.

E. D. Joanna Inez de Portugal e Castro, Condessa de Aveiras

Da geração dos Marquezes de Cascaes, e mulher de Luiz da Silva, que foi Regedor das Justiças pelos annos de 1639.

Não tinha nem campá, nem letreiro, mas foi sepultada em S. Marcos. Ms. v, pag. 4; Ms. iv, pag. 23.

Pela nossa *Genealogia Ms.*, fl. 38, prova-se que tinha direito aos appellidos: *Castro* por seu pae, *Portugal* por sua mãe.

O Marquez de Cascaes teve por confessor, que lhe assistiu á morte, o Padre Frei Marcos da Natividade, frade de S. Marcos e Visitador Geral da Ordem. Este frade foi sempre seu conselheiro espirital, e tambem foi muito bem acceite do Duque de Cadaval e de seu irmão D. Theodosio. Ms. I, pag. 86.

**F. D. Brites da Silva, neta de João da Silva, 2.º do nome,
IV Senhor de Vagos**

Filha de D. Leonor da Silva e de seu segundo marido D. Henrique Henriques, Senhor das Alcaçovas. Casou com Diogo Moniz, Senhor de Angeja. Falleceu a 7 de Setembro de 1536.

O Convento de S. Marcos tirou da herança d'esta senhora muitos beneficios, como verificamos nas nossas *Fontes ineditas*.

G. D. Maria da Silva

Filha do Capitão João da Silva (N.º 2).

Tinha campa com letreiro:

«Aqui jaz D. Maria da S., mulher que foi de Diogo Lopes de Souza, Mordomo-mór que foi de El Rey D. Affonso, fallecida em 6 de Junho, era de 1501 annos.»

N'uma campa de pedra branca (sic), Ms. v, pag. 5; Ms. iv, pag. 24. Nossa *Genealog. Ms.*, fl. 35 v. O Ms. ii, pag. 10, determina o logar: junto do altar do Crucifixo.

I. D. Lourenço d'Almada

Dizia a campa:

«D. Laurentius d'Almada, Princeps juventutis cunctas charissimus (?) artes omnes liberales praecipue Mathematicam complexus. V. A. 42 supra 1555 ab orb. redempto. Conjux Optima D. Franciscæ de Souza obiit anno Christi 1582 ætatis suæ 22. Quorum ossa D. Antonius de Almada Fr. Avi[zi] nominis dolens asservari jussit XLII.»

Ms. iv, pag. 28; Ms. v, pag. 8; *Geneal. Ms.*, 39 v. Esta inscripção fica sujeita a emendas ultteriores; não nos satisfaz por diferentes motivos; apparece muito adulterada nos codices que conhecemos.

Os Almadás apparecem ligados aos Silvas por successivas allianças desde o sec. xv, como pôde verificar-se na biographia de Ruy Gomes da Silva, 1 Senhor de Ulme e da Chamusca (Salazar, liv. x, cap. II, §. 2, pag. 429) e continúa até o fim do sec. xvii (Ibid., liv. xii, cap. viii, pag. 768), época em que o celebre genealogista hespanhol encerrou a sua obra.

Como nenhum dos cinco manuscriptos, citados como fontes sobre o Convento de S. Marcos, fornece esclarecimentos a respeito dos Almadás, parece-nos util supprir a omissão, com o auxilio de Salazar e da nossa *Genealogia* ms.

Temos de ir procurar uma linha collateral, a dos Corrêas da Silva, Senhores da Torre da Murta.

Henrique Corrêa da Silva, Alcaide-mór de Tavira, foi filho primogenito de Martim Corrêa da Silva e de D. Joanna de Menezes; e este descendia como filho segundo de outro Henrique Corrêa da Silva e de D. Joanna de Sousa, II Senhores da Torre da Murta¹. Martim Corrêa deixou na India fama de grande capitão; depois occupou os mais altos postos diplomaticos na côrte de Hespanha; puzeram-lhe a alcunha: «o Chorrão» (Salazar).

Henrique seguiu as pisadas do pae. Foi gravemente ferido na grande batalha naval da ilha Terceira em 1581 (o Marquez de Santa Cruz contra Strozzi, os francezes e inglezes, que sustentavam juntos o Prior do Crato).

Casou Henrique com D. Maria de Menezes, filha de D. Antonio de Almada, Senhor do Morgado do mesmo nome, Alcaide-mór de Lisboa e da estirpe dos Condes de Avranches. Sendo a mulher de D. Antonio uma senhora D. Vicencia de Castro,

¹ O I Senhor da Torre da Murta procede da casa Gonzalez de Carbajal (Casa de Placencia — Hespanha) cuja alliança com os Silvas data do sec. xiv.

D. Aldonça Ruiz da Silva, irmã de Ayres Gomes da Silva, o Velho (segundo aio de El-Rei D. Fernando), Rico-homem, Alcaide-mór de Portugal e Senhor da Casa de Silva, casou com Pedro Gonzalez de Carbajal, Alcaide-mór de Almada, que era da casa de Carbajal, do Reino de Leão. D'esta estirpe procede directamente a mãe do Grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira (vid. Argote de Molina, nova ed. do Conego Dr. Muñoz y Garnica. Jaen, 1866, fol., pag. 443 e seguintes). Sobre a relação de Ayres Gomes, o Velho, com o Silva mais antigo, que estava sepultado em S. Marcos, vid. a biographia de Gonçalo Gomes (N.º 9).

que os genealogos dão como filha de Ruy Pereira da Silva, 1 Morgado da casa de Monchique (já citado, pag. 77) e Alcaide-mór de Silves, é evidente que os Almadás estão ligados a duas linhas da grande Casa dos Silvas. Salazar cita D. Antonio algumas vezes com o nome D. Antonio Soares de Almada.

Do matrimonio de D. Antonio e D. Vicencia nasceu numerosa prole :

D. Lourenço de Almada, Senhor da casa, D. José, D. Manuel, D. André, o celebre Lente de Coimbra (Vid. J.) e D. João; estes cinco andaram em grandes feitos na India. Ha ainda do mesmo matrimonio D. Antonia da Silva, mulher de D. Lucas de Portugal, filho de D. Francisco de Portugal, Estribeiro-mór do Principe D. João e neto do celebre D. Francisco de Portugal, 1 Conde do Vimioso, e de D. Guiomar de Vilhena. Finalmente temos: D. Isabel e D. Luiza, freiras em Santa Clara de Coimbra, e D. Vicencia de Castro, que se alliou a Henrique Corrêa da Silva, Alcaide-mór de Tavira, Commendador de Penamacor, General de Mazagão e por fim Governador do Algarve (Salazar, vol. II, pag. 308) ¹.

Em outra passagem do mesmo volume dá, porém, (pag. 810) á mulher de Henrique Corrêa o nome D. Maria de Menezes, conservando-lhe a mesma filiação que attribuiu a D. Vicencia de Castro. Deve haver, pois, equivoco n'esta parte.

J. Almada (D. André de)

Filho de D. Antão Soares de Almada, Senhor do Morgado de Almada, e de D. Vicencia de Castro, filha de Ruy Pereira da Silva, Senhor do Morgado de Monchique e Alcaide-mór de Silves, o qual Ruy Pereira foi terceiro filho do vi Senhor de Vagos, João da Silva. D. André foi, portanto, bisneto do vi Senhor de Vagos.

Cursou com distincção Philosophia, Geographia e Mathematica na Universidade, doutorando-se em Theologia em 1608. Regeu cadeira até 1641. Foi decano perpetuo da Universidade, que governou com poderes de Reformador de 1638-1640.

Deixou ao Collegio de S. Paulo, cujo porcionista foi, a sua copiosa e selecta livraria. N'elle morreu a 29 de Novembro de

¹ É o da batalha da Terceira, já referido.

1642. Barbosa Machado cita grandes elogios de sabios nacionaes e estrangeiros, feitos a este varão illustre. (*Bibl. Lusit.*, vol. I, pag. 135-36).

Foi casado com D. Vicencia de Castro, neta do Regedor João da Silva, *o dos Alcaides* († 1557).

Querem uns que fosse D. André, e não D. Antonio, quem mandou guardar os ossos de D. Lourenço e de D. Francisca de Souza.

Um D. Antão de Almada († 1644) que foi casado com D. Isabel da Silva, sua prima, apparece em Souza. (*Hist. Geneal.*, vol. x, pag. 614). Tiveram D. Antonia da Silva. (*Op. cit.*, vol. x, pag. 622). Sobre D. André, vid. Ms. iv, pag. 28; Ms. v, pag. 8; nossa *Genealog. Ms.*, fl. 39 v.

K. Manoel José Soares de Brito

No Cruzeiro ¹ está uma campa com armas e inscripção embutida (sic) em letras de bronze:

«Hic jacet Emmanuel Josephus Soares de Brito. Eques justus, perfectus, cui moerentes conjux ac liberi sepulchrum hoc eligerunt atque illud sibi ad sui luctus solatium pie acquisierunt. Obiit 2 Maij A. D. 1760.

R. I. P. »

L. D. Antonio de Amorim

No Cruzeiro ², junto á campa de Manuel José Soares de Brito, está sob uma lapide, sem inscripção, D. Antonio de Amorim, «q̃ falleceu na Geria ³ aos 16 de Novembro de 1768.» (Vid. *Memoria*, Ms. v, pag. 9).

¹ Ms. v, pag. 8; assim diz, vagamente; logar incerto. Não ha *cruzeiro* hoje, porque não existe senão um dos braços da cruz, formado pela capella dos Reis Magos (lado do Evangelho). É expressão incorrecta de um dos manuscritos.

² Mesma expressão incorrecta.

³ Sic; talvez Geira.

M. Mestre Gil (aliás de Souza) † 1464

Architecto, mestre da planta primitiva do convento e igreja de S. Marcos. Jazia enterrado no plano da igreja, logo á entrada da porta, «em cujo logar tinha uma pedra, que hoje (1832) lhe falta, com epitaphio que o nomeava.» *Memoria*, Ms. iv, pag. 10.

Trabalhou em S. Marcos, desde Abril de 1452 a 1464, anno em que falleceu. É o que se apura de diferentes citações do Ms. iv e do Ms. i, pag. 13.

N. Vasconcellos (Manuel Mendes de)

Falleceu em 1683, na Quinta de Quimbres, e veio a enterrar em S. Marcos, em Novembro d'esse anno. Seu filho Ruy Mendes de Vasconcellos lhe fez exequias ostentosas, durante tres dias, que custaram mais de 40\$000. Jazia ao pé do *taburno*¹, da parte do pulpito, diz a *Memoria*, Ms. ii, pag. 51.

O. Diogo Soares de Albergaria

O seu epitaphio dizia:

Esta capella derã pera | sepoltvra a D.º Soarez da al |
bergvaria aio e mordomo | mor delrei dõ Ioão o 2 sãdo | pri-
cipe e a sua mvlher dona | Beatriz dẽ Vilhana per hvm | mvi
rico e svmptvoso most. | q̃ desta ordẽ começarã qve | se não
acabov o qual em se' | testamento deixarã erdei | ro de todas
svas redas de q̃ esta casa tem parte. Fa | lecerão na era de
1473.

¹ Especie de estrado de madeira, de dois a tres degraus geralmente. Um Manuel de Vasconcellos, Senhor do Morgado do Esporão (Evora), filho de João Mendes de Vasconcellos e de D. Anna de Athaide, da geração dos condes da Castanheira, foi Regedor das Justiças durante o reinado de Felipe II (de Portugal). É, pois, anterior ao citado no texto; jaz na Sé de Evora, na capella do Esporão.

Ms. II, pag. 23-24; Ms. V, pag. 9. Encontrei esta campa arrancada e partida, na Casa do Capitulo, (à qual pertencia) no dia 5 de Fevereiro de 1884; em Outubro de 1896 encontrei-a removida, e ainda mais mutilada, na mesma Casa. O altar tem a data 1564, na moldura superior. O retabolo, de esculptura lavrada, desapareceu, porém.

Completámos a inscripção, hoje illegivel, corrigindo-a pelos Ms. II e V, e com outros subsidios.

Quando terão paz aquellas pedras truncadas de uma campa illustre?

P. D. Francisco de Faro

Filho bastardo do Conde de Odemira. Foi enterrado n'uma sepultura entre a *Capella da Visitação* e a Sachristia, durante o priorado de Frei José da Anunciação (1665-1668). Estava destinado a ser religioso n'este mosteiro, por vontade sua e disposição de seu cunhado, o Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello; veio amortalhado no habito de S. Francisco. Ms. II, pag. 47.

Q. Costa (Leonis da)

O seu epitaphio foi ainda visto por A. F. Barata (pag. 116) em uma das capellas do claustro, no chão, diz elle. Desappareceu? Ou estará no entulho do claustro? um monte informe, coberto de silvas e amoras, que está reclamando uma exploração cuidadosa.

«Leonis da Costa | fidalgo da casa delrei, cavaleiro | do abito de Chr | isto, provedor dos | marachões do mō | dego sariento | mor desta comar | ca mandou fazer es | ta capela pera si | E sua mulher do | na Leonor da Cos | ta. E desceu-den | tes. 1628.»

R. Padre Frei Jeronymo de Evora

Filho de Henrique Henriques, Senhor das Alcaçovas, e de D. Leonor da Silva, irmã de D. Brites da Silva. Foi neto do Capitão João da Silva.

É citado depois do Padre Frei João de Villa Viçosa, que

recebeu o habito em 1507, sendo Prior Frei Domingos do Rosario. Modestissimo, nunca quiz ser Prior, apesar de muito rogado para isso. (Ms. 1, pag. 39).

S. Prior Frei Jeronymo da Silva

Foi o primeiro sujeito que da familia dos Silvas, Padroeira d'esta Casa, entrou n'ella a ser religioso. (Ms. 1, pag. 54). Nossa *Genealog. Ms.*, fl. 39 v.

Tomou o habito em 1572; professou em 1573. O Ms. 1, pag. 54-56 não adverte que Frei Jeronymo de Evora, tambem vergonhea dos Silvas, professou muito antes; e se não foi Prior, é porque a sua excessiva modestia lh'o não consentiu.

INSCRIÇÕES SEPULCHRAES

1. D. Brites de Menezes, a *Fundadora*

aqui iaz dona Britiz de Menezes mo |
 lher d Aires Gomez da Silva governador |
 que foi de Lixboa aya da esclarecida |
 rainha dona Isabel molher de elrei dom |
 Afonso o quito e depois o foy tambem |
 de seus filhos ate que se recolheo |
 a este moesteiro de Sã m'cos onde a mor |
 parte dele fez e asi das rendas dotov. |

2. O *Capitão João da Silva, o Galindo*

per esta letra saberes que fidalguia saber animo esforçado fizerã este
 cujos ossos |
 esta tam pequena pedra cobre, dino de perpetua memoria;
 filho foy do muy nobre e prudente |
 Ayres Gomes da Silva governador de Lisboa e da muyto vertuosa
 e dyscreta dona |

Britiz de Menezes. Ião da Silva foy seu nome, cavaleyro
 muy estimado, linha |
 gem dos principes romãos; seus merecimentos o fizeram em
 muitas ace |
 sas batalhas; capitam foy jerall delrey dom Pedro nas gueras
 d'Ara |
 gam e depois camareiro mor e do conselho delrei dom Ião
 o segũdo e dele muyto amado e presado; |
 estando na frontaria do diana por capitam por onra de seu
 rei ã defensam da patria a vida ofereceo; |
 a fortuna daqueles grandes dous capitaes de Roma Marco Bruto
 e Arumce abraçou a elle e a |
 dom Martim Galindo enleito mestre d Alcantara em Ouguela;
 imdo ambos de noite nas diamteiras de su |
 as jentes reconheceramse hũ ao outro e se encontrarã de maneira
 que ho em |
 leito mestre logo no quampo ficou morto e elle xxi dias viveo
 e desta tam vam |
 vida partio; caso foy a princepes e a capitaes tam poucas vezes
 acõtecido; e vos |
 que dele decendes lembrai-vos e prezai vos de pay de taes dotes pollos
 acrecem- |
 tar e conservar, trabalhando; por sua alma a deos roguai. |

3. Ayres da Silva, o da Graciosa

Aqui jaz Ayres da Silva filho de João da Silva e D. |
 Branca Coutinho, o qual foi Camareiro Mór do muy |
 esclarecido Rey D. João o 2.º desde Príncipe até que fal- |
 leceo e de seu Conselho; e neste tempo o serviu sempre |
 mui lealmente assim na paz, como na guerra, e por seu |
 mandado foi por Capitão General d' Armada, q̃ soccorreo |
 a Graciosa & depois em vida do mui alto Rey D. Manoel |
 foi Regedor das Justiças deste Reino, e Casa da Suppli- |
 cação. Falleceo em dia de N. Sn.ra de Março era de 1530 |
 = e assim jaz aqui com elle a magnifica D. Guiomar de |
 Castro huma só sua mulher = |

4. Luis da Silva Tello, II Conde de Aveiras

Aqui iazem os ossos de Lvis da Silva Tello regedor |
 das ivstissas conde de Aveiras sñor de Vagos alcaide mor |
 da cidade de Lagos gentilhomẽ da camara de sva magd. |
 elrei d. Pedro o 2.º e os de sva molher d. Ioanna Portv |
 gal os qvais se tresladarão do pavimento desta |
 cappela mor em q̃. forão sepoltados para este lv |
 gar ã q. sev filho o conde de Aveiras Ião da Sil- |
 va os collocov no anno de 1692.

5. *O Regedor João da Silva, o dos Alcaides*

Se de feo virtude esforço e prudencia na paz e na gvera qviserẽ os |
 vivos imitacã tem aqui hũ claro espelho em Ioã. da Silva filho de Aires |
 da Silva e de dona Gviomar de Castro sva molher qve no cerco segũ |
 do de Arzila na tomada de Azamor e na batalha de sesta feira de endoẽ |
 cas fez notaveis covsas e nelas mostrov ser o chefe da nobre |
 antiga e esforeada geracã dos Silvas. Foi regedor das ivsticas |
 destes reinos qvarẽta annos mvi to a servico de ds e cõtentamẽto |
 de tres reis e do povo. Faleceo em Lisboa cõ mvi certos sinaes de sva |
 salvacã. de idade de 75 anos aos 11 dias dagosto de 1557. e assi iaz |
 cõ ele dona Ioana de Castro sva unica molher filha do segvndo |
 conde da Feira, hũa das mais honradas e valerosas srãs de sev tempo.

6. *Diogo da Silva, o de Lagos*

aqui iaz Diogo da Silva filho mais velho do regedor |
 Ioã da Silva e de dona Ioana de Castro sva molher; do |
 cõselho delrei dõ Ioam o terceiro e que por sev mãdado foi |
 por embaixador ao concilio tridentino o qual tẽdo o offi- |
 cio de sev pai faleceo ã sva vida na cidade de Lagos qvestava |
 fortificando por mãdado do dito rei em idade de 49 |
 anos a 26 de setẽbro 1556; e asi iaz cõ ele dona Antonia |
 de Vilhena sva unica molher filha de dõ Diogo Lobo barão |
 d Alvito e de dona Lianor de Vilhena, a qual pera ambos mã- |
 dov fazer esta sepvlitvra e faleceo (faltam as datas).

7. *Lourenço da Silva*

Filho de Diogo da Silva (N.º 6).

(Falta a inscripção; morreu na batalha de Alcacer, 1578. Foi casado com D. Inez de Castro, cujas armas (6 arroelas) estão esculpidas no cenotaphio. Trasladou os ossos de Gonçalo Gomes da Silva (N.º 9) de Evora para São Marcos, em 1572).

8. *Fernão Telles de Meneses, o de Unhão*

Acqui repousa o corpo do muy homrado e muy nobre fidalgo e cavaleiro
 Fernam Teles de Meneses filho de Ayres
 Gomez da Silva e de dona Briatiz |
 de Meneses moordomo moor e governador da muy escrarecida senhora dona
 Lyanor estonces princesa e agora
 rainha de Portugal. O |

qual asy em Africa como em Castela per terra e per mar taes servicos e
 feytos na paz e na guerra fez que
 ouve a morte enveia de seu |
 crescimento pois no millhor da vida o levou. Viveo quarenta e cinco annos e
 meo e faleceo na era de mil e cccc e
 lxxvii permero dia da |
 bril. Dona Maria de Vilhana filha de Martim Affõ de Melo e de dona Mar-
 garida de Vilhana
 aya da meesma snra rainha tam nobre perver- |
 tudes como per real linhagem hũa soo sva molher o mandou faze rem vida
 e aqui se mandou
 sopultar pera jazarem os ossos tam juntos como |
 foram as vontades. Viveo... (inscripção que não foi completada)

9. Gonçalo Gomes da Silva, o *Embaixador*

Aqui ias o bom cavaleiro Gonçalo Gomes da Silva |
 leal servidor e vasallo do mvi nobre rei dõ |
 Iohão o 1 o qual por honra e prol destes rei |
 nos servindo em mandado de sev snõr |
 foi a Roma em mesaiem e tornando dalo |
 dada sva reposta acabou seus dias em |
 Evora. x. dias de dezebro era 1424 |
 annos civis ossos mandov aqui |
 tresladar o regedor L^o da Silva |
 sev sexto neto no ano de 1572.

10. Ayres Gomes da Silva, o de *Alfarrobeira*

Aqui iaz. o. mvi. nobre. e virtuoso. barã. Aires.
 Gomez. da Silva. governa |
 dor. que. foi de Lixboa. Faleceo. em. idade de 55 anos
 aos 25 de de maio 1454.

Por debaixo, entre tres esmolneiras a divisa :

+ LARDANT + DESIR +

a. Gonçalo da Silva, o *Senhor do Abiul*

Aqui jaz Gonçalo da Silva filho do Capitão João da Silva, cuja honra não
 diminuiu. Falleceo em Lisboa na era de 1521. Jaz com elle a muito
 virtuosa Sn.^{ra} D. Joanna sua mulher, a qual falleceo em vespora do
 Natal de 1524, digo de 1542 na sua Villa de Abiul.

b. Luiz da Silva

Aqui jaz Luis da Silva filho do Regedor João da Silva e de sua mulher D. Joanna de Castro; falleceo de idade de 26 annos em dia de S. Bartholomeu de 1543, mas se a idade se hade contar pelas obras, muitos mais annos viveo, porque em tão pouco espaço de vida mostrou ser igual a seus passados em cavallaria, e assim fora em tudo o tal, se a morte o não atalhára. (Ms. v, p. 3).

c. Lourenço da Silva, o Cego

Sepultura sem letreiro.
Regedor Lourenço da Silva, *o Cego*, ix senhor da Casa de Vagos, e sua mulher D. Maria de Vilhena.

cc. Fernão da Silva, o Rico Feitio

Conego da Sé de Lisboa, filho de Diogo da Silva e de D. Antonia de Vilhena, com a alcunha *o Rico Feitio*.

Não confundir com outro Fernão da Silva, tambem ecclesiastico, Cappellão em Alcaçer-Kebir, Vedor de D. Sebastião, embaixador junto de Felipe II, etc.

d. Luiz da Silva, o Donxel

Aqui jaz Luiz da Silva, filho de Diogo da Silva e de D. Antonia de Vilhena, o qual foi Camareiro-Mór de El Rey D. Sebastião e do seu Conselho de Estado, e Viador de sua fazenda. Falleceu em Montemor-o-Velho a 25 de Setembro de 1580, de idade de 36 annos.

D. Joanna de Tavora sua unica mulher, filha de Lourenço Pires de Tavora e de D.^a Catharina de Tavora, lhe mandou fazer esta sepultura, onde o não acompanha, porque se meteo Freira da Madre de Deos de Lisboa.

e. D. Joanna Inez de Portugal e Castro, Condessa de Aveiras

D. Joanna de Castro, filha do Marquez de Cascaes, e mulher de Luiz da Silva (N.^o 4) que foi Regedor das Justiças pelos annos de 1639.

Não tinha campa, nem letreiro. (Ms. v, 4). Vid. retro pag. 74 e 79.

f. D. Brites da Silva

Aqui jaz D. Brites da Silva filha de D. Henrique Henriques, e de sua mulher D. Leonor da Silva, mulher que foi de Diogo Moniz. Falleceo na era de 1536 a 7 de Setembro. (Ms. v, p. 5).
N'uma campa de pedra negra.

g. D. Maria da Silva

Aqui jaz D. Maria da Silva, mulher que foi de Diogo Lopes de Sousa, Mordomor que foi de El-Rey D. Affonso, fallecida em 6 de Junho era de 1501 annos. (Ms. v, 5).
N'uma campa de pedra branca.

h. João Gomes da Silva, o da *Ermida*

Aqui jaz o mui hōrado, & no |
bre caualleiro Ioaõ Gomez da |
Silua, rico homẽ, Alferes mór |
del Rei D. João I. & seu Co |
peiro mor, & do seu conselho. |
Foi com elle na batalha real, & |
na tomada de Cepta, i edificou |
este mosteiro ¹ da Ordem de S. |
Hieronymo, á honra de São |
Marcos. Falleceo a 26 de Mar- |
ço. E. 1445. an.

h bis. (Variante de h)

Aqui jaz o muito honrado e nobre João Gomes da Silva Rico Homem, Alferes mor d'El-Rei D. João o 1.^o de Portugal e do seu Conselho, o qual foi com elle na batalha Real, que houve com El Rei de Castella, na tomada de Ceuta, o qual edificou este logar á honra de S. Marcos; o qual falleceo em 25 de Março de ccccxiiii annos.

OBLIE. GBLIE. OBLIE.

¹ Erro, leia-se: a *Ermida de S. Marcos*; a Variante (h bis) diz com mais acerto: *este logar*.

i. D. Lourenço de Almada

Não continuamos as inscrições desde K a S, porque já foram impressas de pag. 83 a 86, e nada temos a acrescentar de novo.

Erros que se encontram nas transcripções de A. F. Barata

1 Menezes Izabel quito	tambem seos	Sãmcos dotov
2 grandes doos arunce Gabindo Ougella yndo dianteiras gentes	reconheceramce hu encontraram partiu e aso principes acontecido nós que (falta)	dele (falta) lembramos presamos pays pollas conservar (falta) rogoar
4 senhor mro (erro typ.)	gentil homem Pedro 2.º (falta o)	tresladaram capela \
5 quisere ho segado endoeças	nellas quareta servico contentamento	agrostos elle hva
6 tedo occicio	e sva	setebro
8 honrrado Menexes Gomes Menexes mordomo csc/arecida lianor	Castella taes oove enveja data errada sic: quatrocentos e setenta e ho	Affom mesma senhora rial huna sva (falta) foram
9 cavalleiro vassallo	dezembro era de	mandou
10 Ayres goveru	d. aos (falta)	dezir

A — corresponde ao lado do Evangelho. B — lado da Epistola. C — centro.

A

1. D. Brites de Menezes (*a Fundadora*) + cerca 1462.
2. O Capitão João da Silva, 2.º do nome (*o Galindo*) + 1475 Ouguella.
3. Ayres da Silva, 2.º do nome (*o da Giraciosa*) + 1530 e D. Guiomar de Castro.
6. Diogo da Silva (*o de Lagos*) + 1556 e D. Antonia de Vilhena (*a viuva da Obserrancia*).
7. Lourenço da Silva + 1578 e D. Inez de Castro.
- h. João Gomes da Silva (*o de Aljubarrota*), edificador da Ermida de S. Marcos + 1444.
- a. Gonçalo da Silva (*Abiol*) + 1521 e D. Joanna da Silva + 1542.
- b. Luiz da Silva (*o Africano*) + 1543.
- f. D. Brites da Silva + 1536, filha de Henrique Henriques e de D. Leonor da Silva (casada com Diogo Moniz).
- n. Manoel Mendes de Vasconcellos + 1683.

C

- e. Condessa d'Aveiras, D. Joanna Inez de Portugal e Castro.
- c. Lugar incerto, na capella-mór, Lourenço da Silva e D. Maria de Vilhena.
- i. D. Lourenço Almada + 1582.
- j. D. André Almada + 1642.
- k. Manoel José Soares de Brito + 1760.
- l. D. Antonio de Amorim + 1768.
- m. Mestre Gil de Sousa, autor da traça do primitivo convento e igreja. Trabalhou em S. Marcos desde abril de 1452 a 1464, anno em que falleceu.

B

4. Luis da Silva Tello, II Conde de Aveiras + 1672, e sua mulher D. Joanna Inez de Portugal e Castro. Está transferida de e.
5. João da Silva, 3.º do nome (*o dos Alcaides*) + 1557 e D. Joanna de Castro. Sobre a sepultura o retabolo de Nossa Senhora da Assumpção, 1559.
8. Fernão Telles de Menezes (*o de Unhão*) + 1477, e D. Maria de Vilhena.
9. Gonçalo Gomes da Silva, embaixador de D. João I em Roma, + 1424 (anno de 1386). Trasladado em 1572 por Lourenço da Silva. (Vid. n.º 7).
10. Ayres Gomes da Silva, governador de Lisboa + 1454. Filho de h; casado em terceiras nupcias com D. Brites de Menezes. (Vid. n.º 1).
- e'. Lourenço da Silva (*o Cego*).
- cc. Padre Fernando da Silva (*o Rico feitio*).
- d. Luiz da Silva (*o Doncel*) + 1580.
- g. D. Maria da Silva + 1501, casada com Diogo Lopes de Sousa.

Indicações dos manuscritos

Galilé da reconstrução: ultimo terço do seculo XVIII: Comprimento, 12 passos; largura, 6 passos.

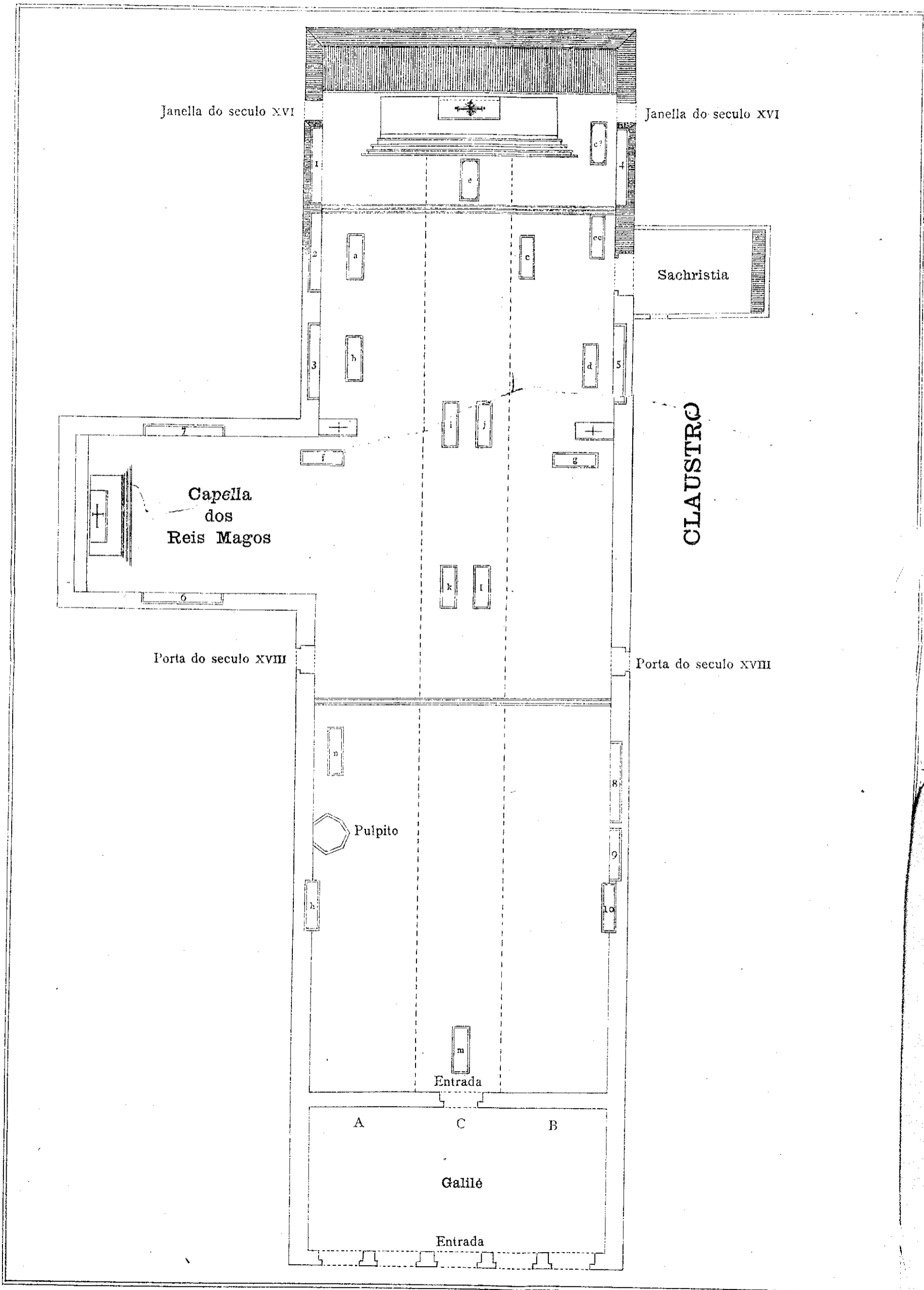
Dimensões. — Nave da igreja: até ás grades do cruzeiro, 20 passos de compr. e 12 de larg. Das grades de bronze do cruzeiro até aos degraus do altar-mór, 18 passos. Leia-se: 12. Altar-mór, 4 degraus, como hoje.

Comprimento do altar-mór, 16 passos. (Ha erro do chronista). Leia-se: comprimento do retabolo, 8 passos.

Capella dos Reis Magos, 28 passos em quadrado. (Ha aqui erro evidente do chronista: terá 9-10 passos).

S. MARCOS DE TENTUGAL

Topographia das sepulturas
RECONSTRUCCÃO



DOCUMENTOS

I

Testamento de João Gomes da Silva

(5 de Janeiro de 1441)

Em nome de Deos amen. Saibão quantos este instrumento de testamento virem que aos cinco dias do mez de Janeiro do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1441 annos, em S. Marcos, terra de João Gomes da Silva em presença de mim Estevão Annes Taballião Geral entre Douro e Mondego por ElRei meu Senhor, e das testemunhas adiante escritas; o dito João Gomes disse que conhecendo elle como athe ao dia de hoje tinha feito muitos erros contra a vontade do Senhor Deos, e temendo elle o seu grande juizo, a cujo poder havia de hir, e que por salvaçom de sua alma, e daquelles que elle algum bem ouvera, elle tomava por parte de sua terça todos os bens da raiz, que elle havia na villa e termo de Tentugal, (a saber) casas, pombal, vinhas, olivaes, chãos de pão, almoínhas, azenha, pizão com toda sua renda, e brenimento (?), todos herdamentos que elle havia em a dita villa assim em campo, como em monte com todos os seus direitos, foros e costumes segundo elle athe á feitura deste havia, e melhor podem ser avidos; e este pera me cantarem para sempre hũa missa cada dia na Ermida de S. Marcos, e em fim della, saiam sobre mim, e o Capellão que a disser com hum responso, segundo costume de finado; e este Capellão mando que seja bom, e de boa fama. E leixo mais pera me dizerem as ditas missas todos os direitos que eu hei no dito logu de S. Marcos. S. Casas de morada e foros dellas, e assim chãos e vinhas aproveitadas, rotos e por romper. E mando que o dito Capellão por todas as festas de Jesus Christo e de Santa Maria me diga hũa missa officiada na dita Ermida. As quaes missas e carregu sobredito queria que tivesse o Vigario de Carvalho, que de presente estava em sua vida delle dito João Gomes, ao qual promettia de lhe dar em sua vida delle dito João Gomes 5000 rs. brancos, e de comer a elle, e a hum moço. Ou que se elle dito Vigario antes quizer a renda dos ditos bens,

que elle lhe dará por ter o sobredito carregio em sua vida : e depois de sua morte ate que o Senhor proguesse deste mundo levar, e que então ficasse o dito carregio a quem o quisesse dar Ayres Gomes seu filho, ao qual dava e fazia pura doação de todos os ditos bens, que para elles, e com elles mantenha sempre o dito Capellão pela guiza que o dito he sob pena de sua benção. E que finando-se o dito Ayres Gomes, que os bens sobreditos ficassem assim juntos sem serem partidos em nenhũa guiza a seu filho mór lidimo, e assim a todos os descendentes por linha direita. E não havendo hi filho barão lidimo, fique a filha lidima. E não havendo hi filho, nem filha lidima, e avendo netos lidimos barões, fique ao neto barão filho de filho e se hi o ouver. E se hi ouver neto da filha, e neta do filho mando que antes fique ao neto barão da filha, que á neta femea do filho, e assim em todos os outros descendentes por linha direita. E que deixava mais para lhe dizerem as ditas missas na dita Capella, o seu calix pequeno, com que agora lhe disião missa, e mais tres vestimentas todas perfeitas, e 2 livros de dizerem missa. E mais mandava que sendo distinctos todos de sua linhagem por linha direita, como dito avia, em guiza que não ouvesse hi nenhum para administrador da dita Capella, mandava que o concelho da dita Villa de Tentugal, que escolhesse hum bom homem entre si abonado que ouvesse os ditos bens, e fizesse cantar a dita missa como dito he. E o dito concelho faça cumprir o dito carregio áquelle, que para elle assim escolhesse, e não querendo elle faser como deve, que o dito concelho possa prover, e pôr, e escolher outro a que dessem os ditos bens com o dito carregio, e faser pagar aquelle que assim o privarem todo o que assim não cumprir, e todavia seja dito em missa na dita Igreja de S. Marcos. E o dito Vigario disse, que lhe prazia que em sua vida tivesse o dito carregio pelos ditos 5000 reis e mais de comer, como dito he, ou per a dita renda, segundo lhe per o dito João Gomes era promettido, que assim se obrigava fazer. E o dito João Gomes assim dixeu que lhe prazia, e mandava aos sobreditos seus herdeiros, que assim cumprissem este seu testamento, e postemeira vontade, e fazendo-o elles assim, que fossem cobridos da sua benção, e assim lho outorgava. E por fermidão para sempre mandava assim ser feita esta Escripura publica, que foi feita no dito Logo de S. Marcos dia, mez e era sobredita. — Testimunhas que presentes forão Pedro Gonçalves, e Marcos Martins, criado do dito Vigario, e Antonio João Cosinheiro do dito João Go-

mes, e Martim Affonso, morador em S. Silvestre, e outros.

*
* *
*

Tres annos depois de feitas estas disposições falleceu João Gomes da Silva, a 25 de março de 1444, e se mandou sepultar no tumulo que tinha mandado lavrar na Ermida de S. Marcos.

A João Gomes succedeu seu filho legitimo Ayres Gomes da Silva, o qual cumpriu fielmente a ultima vontade de seu pai fazendo residir nas suas proprias casas um clerigo que cumprisse o legado a que estava obrigado pelo referido testamento, e assim continuou esta administração por alguns annos, até que tiveram logar as discordias entre El-Rei D. Affonso v e seu tio e sogro o Infante D. Pedro. Ayres Gomes seguiu o partido do Infante, e lidou na batalha d'Alfarrobeira, sendo todos os seus bens sequestrados para o fisco, por ser julgado criminoso de alta traição.

D. Brites de Menezes, terceira mulher do mesmo Ayres Gomes, havendo sido aia da Rainha D. Izabel, e tendo para com ella muito valimento, lhe pediu que em recompensa de seus bons serviços se dignasse de interpôr seu alto valimento para com El-Rei, a fim de que este lhe doasse os bens confiscados a seu marido e que andavam annexos á Capella de S. Marcos, com o elevado fim de estabelecer no mesmo logar em que estava a Ermida, um Mosteiro da Ordem de S. Jeronimo, pois que d'esta maneira se cumpriria mais perfeitamente o testamento de seu sogro, encarregando aos Monges a obrigação da Capella por elle instituida. A supplica, parecendo muito justa a El-Rei, foi deferida immediatamente por Alvará passado em Cintra a 20 de Outubro de 1448, concedendo-lhe logo a posse dos bens que eram applicados á Capella, e quanto ás outras terras, que restavam, lh'as concedia por morte de Martim Mendes Berredo, a quem El-Rei já tinha feito d'ellas mercê. Além d'esta graça conseguiu d'El-Rei o dividir entre seus filhos João da Silva e Fernão Telles de Menezes, a quem D. Brites muito amava, a famosa Casa de Vagos, dando a este as terras de Unhão, Gestaço, Meinedo, Sepães e Ribeira de Soar, e áquelle, que era o primogenito, a Villa de Vagos e de Montemór-o-Velho.

As mercês da Rainha D. Izabel á sua amada aia ainda foram mais longe : comprou em publico leilão alguns dos bens da Casa sequestrada a Ayres Gomes, para depois fazer d'elles doação á mesma D. Brites, como patrimonio do mosteiro que intentava fundar.

Alcançando estas mercês, partiu immediatamente D. Brites para a villa d'Arruda, e ahí mandou chamar o seu confessor o P.^e Fr. João Velho ¹ e a Fr. Alvaro, Prior do Mosteiro do Matto, e lhes declarou a sua tenção de fundar o Mosteiro de S. Marcos, e lhes pediu que per si ou por seus procuradores comparecessem em Lisboa, em certo dia que lhe determinou, para receberem a doação. O Prior do Matto nomeou Procurador em nome do seu Mosteiro ao P.^e Fr. João Velho, e o da Penha Longa ao P.^e Fr. Fernando de Braga, os quaes compareceram em Lisboa no dia determinado, e se fez a doação dentro dos paços d'El-Rei, e diz assim :

II

Doação da Snr.^a D. Brites de Menezes, que se conserva no Cartorio deste Mosteiro, escrita em pergaminho, que ja difficilmente se lê.

(28 de Julho de 1451)

Em nome de Deos Amen. — Saibam quantos esta Carta de pura e firme, perduravel, e irrevogavel doação virem, como eu D. Brites de Menezes, Aia que foi da Senhora Rainha, e mulher de Ayres Gomes da Silva, consyrando como aquello he mais serviço de Deos per que seu nome he mais a miude louvado, e em como os devotos religiosos nom somente per suas boas orações aproveitão ás almas dos finados, e mais ainda per exemplo de sua boa vida fazem fructo de devoçom antre os vivos; porem esguardando eu como os frades da Ordem e Observancia de S. Jeronimo sem religiosos, e de boa e

¹ O P.^e Fr. Diogo de Jesus diz que Fr. João Velho ou da Certã era o mesmo Prior, e não Fr. Alvaro. (Nota do Ms.).

honestã vida e que poderião muito melhor que eu cumprir os carregos da Capella, que João Gomes da Silva, Padre do dito Ayres Gomes, que Deos haja, fez em S. Marcos, que he em termo da quinta de S. Silvestre, a qual he estituida no termo da Cidade de Coimbra, da qual aministraçam ElRei meo Senhor me tem feita mercê, da qual eu de meo proprio motu, e livre alvidro, e pura vontade faço pura e irrevogavel doaçom antre vivos para sempre valedoira á Ordem da Observancia do dito S. Jeronimo, sem elles nem outrem por elles me ro-garem, mas eu da minha propria vontade, como dito he, e por serviço de Deos me aprougue de o faser. E que os ditos Frades façom, e edefiquem ali hum Mosteiro da invocaçom da dita Ordem de S. Jeronimo com tal condiçom, que elles cum-prão em todo pela alma do dito João Gomes a dita Capella as-sim como he conteudo em seu testamento desencarregando eu a minha consciencia, e encarregando as suas delles, assim a dos presentes como dos futuros, com todos os seus bens, e possessões, assim herdades de pão, e vinhas, e azeite, como Casarias, e matos assim rotos como por romper, assim e pela guiza que o dito João Gomes leixou em seu testamento, e ElRei meo Senhor me tem feita mercê, e muito millhor e mais compridamente, se elles millhor e mais compridamente poderem haver. Com tanto que elles não possão dar, nem doar, nem escambar, nem trocar, nem vender nenhum dos ditos bens, que pertencem á dita Capella. E esto faço por amor de Deos e pela alma do dito João Gomes e Ayres Gomes, e minha, e de todo meu linhagem, aos quaes eu rogo muito e encomendo, que nos hajam sempre em memoria em suas boas orações. E esto mesmo rogo e encomendo a todos meus filhos e meu linhagem, que hajão os ditos frades e o dito Mosteiro em sua guarda, e encomenda, e os ajudem e defendão e emparem quanto bem poderem, fallando por elles, assim como elles querião que os Santos rogassem a Deos por elles. E qualquer que contra esta doaçom for em parte ou em todo sejão avorrecidos do Senhor Deos e dos seus Santos. E esta doaçom, e dimitiçom lhes faço, e dou de meu proprio motu, e livre vontade deste dia para todo sempre, pelo amor de Deos, como dito he, e pelas almas do dito João Gomes, e Ayres Gomes e minha, e memoria de todo meu linhagem, e peçom por mercê a ElRei meo Senhor que assim como piedoso e benigno Senhor, esto outorgue em remissom de seus peccados, e por amor de Deos, e seja seu Defensor, e. . . . de qualquer pessoa ou pessoas, que algum desaguizado quei-

rom faser. Da qual doaçom e dimitiçom mandei faser esta Carta a Fr. Fernando de Braga, e a Fr. João Velho, Frades e Procuradores da dita Ordem de S. Jeronimo do Matto a esto presentes, e estipulantes em nome da dita Ordem de S. Jeronimo, e frades della receberom em si a dita doaçom, e lhes prougue em nome da dita Ordem de cumprir e guardar todas las clausulas e condições postas na Ordenança do Testamento, que o dito João Gomes fez, e em esta doaçom expressamente som declaradas, e conteudas. — Feita na Cidade de Lisboa nos Paços d'ElRei aos 28 dias do mez de Julho anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo 1451. — Testemunhas Gonçalo Vaz, creado da Duqueza de Borgonha, e Escudeiro d'ElRei, e Alvaro Gonçalves, Capellão mór da Rainha, e Fr. Rodrigo, esmoler d'ElRei, e Alvaro Annes, Capellão da dita D. Beatriz, e o Provincial da Trindade e outros. E eu Alvaro Vaz, Taballiom Geral por meo Senhor, que esta Carta de Doaçom por mandado e outorgamento da dita Beatriz com as testemunhas presentes escrevi.

*
* *
*

No mesmo dia e logar em que se fez esta doação a passou D. Brites aos ditos Procuradores da Ordem, os quaes supplicaram a El-Rei houvesse por bem de a confirmar, o que elle fez, mandando passar Carta sellada, com sello de chumbo, a qual diz :

III

Doação e Confirmação d'ElRei D. Affonso 5.º

(3 de Agosto de 1451)

D. Affonso por Graça de Deos Rei de Portugal e dos Algarves, e Senhor de Cepta. — A quantos esta Carta virem, fazemos saber, que Fr. Alvaro Priol do nosso Mosteiro de S. Jeronimo do Matto, termo de Alequer nos enviou diser em seu nome, e do dito Convento, que D. Briatriz de Meneses, Aia que foi da Rainha minha sobre todas prezada e amada mu-

lher fiserá á Ordem do dito S. Jeronimo doaçom, e dimitimento da administraçom da Capella, e lugar de S. Marcos, que he em termo da quinta de S. Silvestre, a qual he situada em termo da nossa Cidade de Coimbra. E esto para edificaçom e fundamento de hum Mosteiro da dita Orde com todas as herdades, possessões, direitos, e pertenças, que João Gomes da Silva, cuja alma Deos haja, leixou em seu testamento a dita Capella, que elle edeficou em o dito lugar de S. Marcos, onde seu corpo jaz. E que esto fiserá ella com condiçom, que os religiosos que hora som da dita Orde, e todolos outros que depois d'elles viessem fossem teudos, e obrigados a cumprir a dita Capella, assim e pela guiza que em o testamento do dito João Gomes he conteudo segundo de todo esto, e outras couzas milhor, e mais compridamente continhão em a Carta da dita doaçom e demitimento, que lhes a dita D. Briatriz fiserá. Pedindo-nos o dito Priol por mercê, e esmola em nome seu, e da dita Orde, que por quanto em os Ordinarios e Leis de nossos reinos era defezo que nenhũa Casa, nem Mosteiro, não hajão nenhũas possessões, nem herdamentos sem nossa licença, que por honra e louvor de Deos; e accrescentamento da Orde da' Observancia de S. Jeronimo nos prouvesse dar nossa licença, e authoridade pera averçõ os ditos bens com todas as rendas, possessões, herdades, direitos e pertenças, que á dita Capella pertençaõ, segundo o dito João Gomes leixara declarado em seu testamento. E esso mesmo outorgamos á dita Casa todolos privilegios, e liberdades, que por nós erã dados e confirmados aos Mosteiros da dita Orde, e nós visto o seu requerimento, e querendo-lhe faser graça e mercê por esmola á honra do dito S. Jeronimo hemos por bem, e nos praz, que sem embargo da nossa Ordenaçom, e defeza em contrario dello, elles, e a dita Orde possam haver os ditos bens de raiz com suas rendas, direitos, e pertenças, que á dita Capella pertençaõ, e em o testamento do dito João Gomes mais compridamente he conteudo. Outrosi queremos e mandamos que tambem hajão todos os privilegios e liberdades que por nós, e por os Reis passados forã e são outorgados aos Mosteiros da dita Orde. E porem mandamos a todolos Corregedores, Justiças, Officiaes, e pessoas de nossos Reinos, e a outros quaesquer a que esto pertencer, e esta nossa Carta for mostrada, ou o treslado d'ella em pruvica forma feita por autoridade da Juizes, que lha cumpraes, e guardeis, e façaes guardar e cumprir assim e pela guiza que em ella he conteudo, e lhe nom vades, nem consintaes hir contra ella em maneira

algũa, por quanto assim he nossa merce sem outro algum embargo que lhe a ello seja posto. Dada em nossa Cidade de Lisboa 3 dias d'Agosto. — Gonçalo de Moura a fez anno de Nosso Senhor Jesus Christo de 1451. E esta Carta lhe nom guardéis se assellada nom for. — ElRei.

*

* *

Tudo assim disposto, faltava que se entregassem os bens à Ordem de S. Jeronimo; D. Brites de Menezes, que muito desejava começar a obra projectada, escreveu ao seu Procurador, que residia em Tentugal, a carta seguinte :

IV

Carta da Snr.^a D. Brites de Menezes a Martim Annes

(19 de Agosto de 1451)

Martinhanes. Eu, D. Brites de Menezes vos envio muito saudar. Faço-vos saber que la vão certos Frades da Ordem de S. Jeronimo, aos quaes vos encommendo que os ajudeis em todas couzas, que vos por elles for requerido, assim e tão compridamente como fizereis a mim sendo presente, e muito melhor se o faser poderes. E por quanto elles vão, e levão cargo de cantarem a Capella de João Gomes, cuja alma Deos haja, segundo que mais compridamente vereis por hũa doação, que lhe eu fiz, a qual levão confirmada por ElRei Nosso Senhor. Porem vos rogo muito e encommendo que tanto que a presente vos for mostrada logo lhe entregueis a posse de todas as cazas, herdades e possessões, e olivães, e vinhas assim em matos como a rotos, e por romper, e quaesquer outras couzas, que á Capella de S. Marcos pertencem. E por quanto esta he a minha propria vontade, e dou por ello muitos louvores a Deos Nosso Senhor de me esto leixar faser em minha vida por seu serviço, e esso mesmo de lhe dar a elles

vontade desto queirão acceitar, tirando de mim grandes e continuados trabalhos, que a minha alma e espirito recebia em cuidar em este cazo em cada hum dia. E esso mesmo lhe entregareis todolos ornamentos dos altares, e toalhas, e outras couzas, que da dita Capella são, e assim como lhe entregar-des escrever-me-heis todas pelo miudo para saber quaes e quantas som, e esto cumprir assim sem outro embargo, nem duvida que a ello ponhaes. Escrita a 19 dias do mez d'Agosto de 1451.

*
* *
*

Para complemento da devota fundação faltava que a Rainha D. Izabel, que arrematára a Ermida de S. Marcos e alguns bens a ella annexos por conselho de sua aia os demittisse de si, para que ficando assim tudo livre se puzesse o empenho em execução. E esta virtuosa princeza, que só para isso havia comprado, escreveu ao seu Procurador, assistente em Coimbra, a seguinte carta :

V

Carta da Senhora Rainha D. Izabel, que se conserva no Cartorio de S. Marcos, com o Auto da posse, em pergaminho, de letra mui antiga.

(10 de Fevereiro de 1452)

Estevão Paes. Nós a Rainha vos enviamos saudar. Fazemos-vos saber que depois que vos enviamos a Carta nossa da arrematação, que fora feita da quinta de S. Silvestre, e como por nossa parte filhastes posse da dita Quinta, e tambem da Ermida de S. Marcos, vimos o Testamento de João Gomes em o qual ordenou hũa Capella em a dita Ermida, á qual alem dos bens todos de Tentugal, com que nom havemos desfazer, lhe leixou todolos direitos, que elle avia no dito lugar de S. Mar-

cos, a saber: Cazas de morada, e foros dellas, e assim chãos e vinhas aproveitadas, rotos, e por romper. E porque segundo a disposição do dito testamento a administração da dita Capella era de Ayres, e por sua morte havia de vir o seu filho primeiro, que era João da Silva, os quaes Pae e filho a nom podem possuir pelo que aconteceo: fez ElRei meu Senhor da dita administração Doaçom a D. Beatriz, segundo por seu assignado vereis. A qual assim como a ella pertencia por bem e virtude da dita Doaçom, e mercê, fez esso mesmo doaçom à Orde de S. Jeronimo, segundo tudo vimos por as ditas Escrituras. E por tanto vos encomendamos, e mandamos que vista esta nossa carta entregueis logo a posse da dita Ermida assim das Cazas e vinhas, e foros e chãos, como em cima dito he, e se contem no dito Testamento, aos portadores da presente por que assim he nossa mercê. Escrita em Lisboa em 10 de Fevereiro. Fernão Rodrigues a fez. Anno de 1452. — E eu Vicente Martins, Escrivão da puridade da dita Senhora Rainha, a fiz escrever.

*

* *

Providos com estes despachos, mandou o Prior do Matto tomar posse da Ermida de S. Marcos e propriedades ao novo mosteiro applicadas. Foram nomeados para esta diligencia os Padres Fr. João Velho para Prior, Fr. Clemente do Espirito Santo, Fr. Nuno Fortes, e Fr. Marcos (de que se não declara o sobrenome). Apresentaram-se em Coimbra a 15 de Maio de 1452, e logo lhes foi concedida a posse, e Estevão Pires, Escudeiro e Creado que se diz do Infante D. Pedro, e Ouvidor da Rainha D. Izabel, lhe veio tambem dar posse da quinta de S. Silvestre ¹, da Ermida de S. Marcos, e dos mais bens a

¹ É verdade que Fr. Jacinto de S. Miguel diz que tomaram posse da quinta de S. Silvestre, mas eu vi uma noticia, não me lembra aonde (parece-me que em um livro de Fr. Nicolau) que diz não tomarem os Padres posse d'esta Quinta por lhe parecer já demasiado o patrimonio do Mosteiro, e por isso a fundadora a fez dar a seu sobrinho D. João de Menezes, por ter sido possessão de seu marido Ayres Gomes da Silva, pai de D. Leonor da Silva, casada com o dito D. João de Menezes. É Fr. Nicolau que diz isto com certeza. (Nota do Ms., iv, pag. 9).

ella annexos, que haviam sido confiscados. E os Padres tomaram posse a 24 de Maio do dito anno, de que se passou Auto que se guardava no Archivo, com as doações originaes allegadas, escriptas em pergaminho. E porque no logar de S. Marcos havia alguns moradores, o Ouvidor Estevão Pires os notificou, para que entregassem dentro em um mez as terras que El-Rei e a Rainha tinham concedido aos religiosos. Martim Annes entregou as chaves dos Paços e das casas de Tentugal; e o Ouvidor metteu os Padres de posse d'ellas, em nome do Prior do Matto; e assim tambem das herdades, moinhos, pizões, cerca, olivae, vinhas e terras emprazadas a differentes pessoas.

Os parentes do Rico-homem João Gomes da Silva não deixaram de fazer suas diligencias para annullar o testamento, dizendo que a instituição da Capella fôra nulla por diversos fundamentos, entre os quaes allegavam que, se fosse valida, não compraria a Rainha D. Izabel os bens que lhe estavam annexos. El-Rei, sendo d'isto informado, confirmou novamente ao Mosteiro de S. Marcos os bens da Capella de João Gomes da Silva, declarando em Alvará, escripto por Fernão Lourenço em Coimbra aos 10 de Outubro de 1453, que a Rainha sua mulher não podia comprar a Ermida por 323\$000 reis brancos, quando foi vendido tudo em pregão com a quinta de S. Silvestre; e que na doação, que elle Rei fizera dos bens patrimoniaes de João Gomes da Silva a seu filho, não fôra sua tenção que n'ella entrasse o logar de S. Marcos, nem os bens da Capella; e que n'esta parte era a doação nulla. Porém, no caso de se achar falso o testamento do dito João Gomes (como alguns de seus parentes pretendiam), fazia d'aquelles bens mercê, esmola, e doação ao Mosteiro de S. Marcos; e que, supposto os ditos bens estejam situados no Reguengo de Tentugal, é sua vontade que não paguem fôros, ou tributos alguns aos Reis.

Tendo os referidos Padres tomado posse dos bens que a D. Brites de Menezes doára para a fundação do Mosteiro, e querendo a mesma Senhora que com a possivel brevidade se tratasse de fazer o edificio, deo para isso todos os seus poderes a Fr. João Velho, Monge do Matto, seu confessor, e sujeito insigne em virtudes.

Começaram pois as obras d'este edificio em Abril de 1452, e a primeira obra que trataram de fazer foi a igreja, a qual se fundou no mesmo plano em que estivera a Ermida de S. Marcos, e logo os religiosos começaram a celebrar os offi-

cios divinos na Ermida enquanto as obras o permittiam, e depois na igreja. Continuaram as obras com muita actividade enquanto foi viva a fundadora, mas logo que falleceu n'esta sua Quinta ¹, a actividade diminuiu, e por conseguinte a obra pouco progredia, não porque seus filhos herdeiros João da Silva e Fernão Telles de Menezes deixassem de herdar, com os bens, as virtudes e devoção de sua Mãe a Sr.^a D. Brites, mas porque toda a sua vida empregavam no serviço de D. Afonso v e D. João II, aos quaes se lhes fazia mui necessaria a assistencia d'estes fidalgos nas renhidas guerras, que n'aquelle tempo houveram entre Portugal e Castella.

Estava pois reservada a gloria de aperfeçoar este edificio para seu neto Ayres da Silva, que mandou fazer a Capella-mór da igreja, e concluiu todas as obras que ainda estavam imperfeitas. É por este motivo que se diz que duraram as obras d'este edificio 18 a 20 annos.

Em todo este tempo, foram Piores do ainda não acabado Mosteiro os Padres Fr. João Velho e Fr. Clemente do Espirito Santo, os quaes fizeram com que do Matto e Penha Longa viessem mais Monges, e acceitaram alguns noviços, até fazerem, uma comunidade sufficientemente numerosa. Mas como em todo este tempo, ou grande parte d'elle, não tinham ainda dormitorio capaz de n'elle habitarem Monges, por isso foram viver para as antigas cazas, que os Silvas tinham, pertencentes a esta mesma Quinta, d'onde sabiam para a igreja a celebrar os officios divinos com muita pontualidade.

HISTORIA DA ERMIDA

Em 1444 sepulta-se o Rico Homem João Gomes da Silva na antiga Ermida de S. Marcos.

A fundação da Communidade teve logar em Abril de

¹ Quinta para onde, á imitação de seu sogro, se retirára, a viver só para Deus, debaixo da direcção do seu confessor.

1452, e em 24 de Maio tomou o Procurador da Ordem posse das terras, doadas pela fundadora D. Brites de Menezes.

Em 1470 já havia Communidade perfeita « com o numero de religiosos com que agora se acha, que são vinte e quatro » (anno de 1690, Ms. II, pag. 7). E desde então todos os Piores foram eleitos por votos capitulares, ainda que em seus officios prioraes estivessem mais de tres annos; assim se usava antes das decisões do Concilio de Trento (1545-1563).

Foi edificado o convento por ordem de D. Brites de Menezes, mulher de Ayres Gomes da Silva, sobre uma Ermida de S. Marcos, que seu sogro João Gomes da Silva, o *Rico Homem*, tinha levantado no logar, com missa quotidiana sobre o seu tumulo, em que se tinha mandado sepultar « como ao presente jaz », isto é, em 1690.

O logar era defronte da sepultura de Ayres Gomes da Silva (n.º 10), como se diz no Ms. II, pag. 5.

As obras começadas em 1452, segundo a traça de mestre Gil de Sousa, duraram 18 a 20 annos, por estarem os filhos da fundadora, o *Capitão* João da Silva e Fernão Telles de Menezes, assistindo continuamente na côrte junto de D. Affonso V e D. João II, e portanto envolvidos nas guerras d'estes principes com Castella. Foi sómente seu neto, filho do Capitão João da Silva, o heroe de Ouguella, que fez a Capella-mór e « concluiu todas as mais obras que imperfeitas achou ». (Ms. II, pag. 4).

Na mesma Memoria manuscripta apuramos (pag. 14) que a Capella-mór foi edificada de 1522-23, o que concorda com a data de 1522, que descobrimos em Fevereiro de 1884. Está collocada n'uma tarja esculpida a um metro do pavimento, no *intrados* do arco de entrada da sepultura de Ayres da Silva, á direita.

Enquanto não houve dormitorio, feito com a necessaria commodidade, os religiosos estiveram aposentados nas antigas casas senhoriaes dos Silvas, « que n'este logar tinham com a mesma quinta ».

Os officios divinos celebravam-se na Ermida de S. João Evangelista, situada junto á quinta.

Sobre esta propriedade, chamada já no meado do seculo XIV a *Quintã da Silva*, encontramos na *Chancellaria* d'El-Rei D. Pedro I, os seguintes documentos :

« Carta porque o dito Senhor mandou entregar a sua quintã da silua que he no almoxarifado de ualença de Riba de minho a ayras gomez da silua seu uassallo ayo do infante dom

fernãdo, que a teuese com todos seus direitos em quanto fosse sua mercee &c. dãte em monte moor o uelho xxix. dias de set.º de mil trezentos noventa e cinco annos.» ¹

Eis o outro precioso documento :

« Dom pedro pella graça de dẽ Rey de portugal e do algarue a quantos esta carta uirem faço saber que eu querendo fazer graça e mercee a ayras gomez da silua uassallo e ayo do iffante dom fernãdo meu filho tenho por bem e dou lhe a quintaa da silua que foi de g.º roiz da avreu por sua herdade propria a el e a todos seus sucesores que depos elle vierem que a haia para todo sempre com todas suas perteenças e direitos que a ella perteeencem e pertencerem pella guisa que a avia o dicto g.º roiz daavreu e de dereito deuia dauer porque mando que nenhuũ nom seia tam ousado que lhe ponha embargo nenhuũ sobre a dita quintaa e direitos e perteenças della e lha leixem teer e auer pella guisa que dicto he. E esto lhe faço por muito seruico que fez a mi e ao iffante dom fernãdo meu filho onde al nom façadas dante em santarem xv. dias de Julho elrrey o mandou per Joham stçz seu uassallo steveaõs a fez era de mil trezentos noventa e sete anos.» ²

EPHEMERIDES DE S. MARCOS ³

- 1441 Testamento de João Gomes da Silva. — Ms. v, pag. 3-4. Vid. Documento I.
Frei João Velho, *o da Certã*, Prior do Convento do Matto, presente em S. Marcos. — Ms. v, pag. 5.
- h** 1444 A 25 de Março. Ms. II e Ms. v, pag. 3-4; ou, se-

¹ Torre do Tombo. Chancel. do Senhor Rey Dom Pedro I. Liv. I, fol. 14, v.º

² Torre do Tombo. Chancel. do Senhor Rey Dom Pedro I, Liv. I, fol. 83, v.º

³ As letras e algarismos á esquerda das datas historicas designam o logar dos tumulos, na Planta da igreja.

- gundo outros, em 1445, a 26 de Março. Morre o Rico-Homem João Gomes da Silva, alferes-mór de D. João I, casado com D. Margarida Coelho.
- 1451 28 de Julho. — Doação de D. Brites de Menezes. 5 8-97— Ms. v, pag. 5-6. Vid. **Documento II.**
- 1451 3 de Agosto. Doação e confirmação de El-Rei D. Affonso v relativa à Doação de D. Brites. Vid. **Documento III.**
- 19 de Agosto. Carta de D. Brites a Martim Annes, seu procurador em Tentugal para entregar os bens de Tentugal e S. Silvestre. Vid. **Documento IV.**
- 1452 Carta da Rainha D. Isabel de Portugal, mulher de D. Affonso v a Estevão Paes, demittindo-se da posse da Ermida de S. Marcos e bens anexos, que havia arrematado. Vid. **Documento V.**
- 10** 1454 Trasladação dos ossos do Regedor Ayres Gomes da Silva, por mandado de D. Brites de Menezes, sua mulher. — Ms. II, pag. 5.
- Foram collocados no primeiro logar da Epistola, defronte do tumulo de seu pae João Gomes da Silva, « como ao presente (1832) estão, como seus epitaphios o declaram ». Logo, João Gomes da Silva (*o da Ermida*) estava no seu logar em 1454, e a Ermida ainda de pé, e viva sua nora. Em 1471 começa D. Maria de Vilhena a sepultura de Fernão Telles de Menezes.
- 1462 Data provavel do fallecimento de D. Brites de Menezes, fundadora do Convento de S. Marcos, de 1451 para 1452.
- m** 1464 Fallecimento de Mestre Gil de Sousa, auctor da primeira planta, que dirigiu as obras do convento e igreja de S. Marcos durante doze annos (1452-1464).
- 8** 1471 Enterramento de Fernão Telles de Menezes. Sua mulher D. Maria de Vilhena manda-lhe logo « para seus ossos fazer a grandeza do seu tumulo ». — Ms. II, pag. 6-7.
- 2** 1475 Enterramento do insigne *Capitão* João da Silva (*Galindo*). Passados muitos annos, seu filho o

Regedor Ayres da Silva, trasladou os seus ossos e os de D. Branca Coutinho para a Capella-mór. — Ms. II, pag. 7.

Segundo os nossos calculos, a trasladação teve logar de 1522 a 1523.

- g** 1501 Enterramento de D. Maria da Silva, ao pé do altar, « do lado do Santo Crucifixo ». — Ms. II pag. 10.
- a** 1521 Enterramento de Gonçalo da Silva, filho do Capitão João da Silva (*Galindo*). — Ms. II, pag. 14 ao lado do pae.
- 1522 Trasladação dos ossos do Capitão João da Silva,
a (n.º 2) por ordem de seu filho o Regedor Ayres da Silva (n.º B) para o novo tumulo que lhe mandou fazer na Capella-mór (vid. supra 1475).
- 3** 1530 Enterramento do *Regedor* Ayres da Silva, o *da Graciosa*, que fez a Capella-mór, no seu respectivo tumulo.
- f** 1536 Enterramento de D. Brites da Silva, neta do Capitão João da Silva, filha de Henrique Henriques e de D. Leonor da Silva, junto ao altar de S. Marcos. — Ms. II, pag. 17.
- b** 1543 Enterramento de Luiz da Silva, filho do Regedor João da Silva, (n.º 5) junto de seu avô Ayres da Silva, o *da Graciosa*. — Ms. II, pag. 17.
- 5** 1555 O Regedor João da Silva (n.º 5) manda fazer o seu tumulo junto da porta da Sacristia. — Ms. II, pag. 21.
O retabulo no altar de N. Senhora d'Assumpção tem a data 1559.
- 6** 1556 Morre Diogo da Silva, filho mais velho do Regedor João da Silva.
Sua mulher, D. Antonia de Vilhena, mandou-lhe fazer a sepultura n.º 6 em 157. . .
- 1557 Enterramento do Regedor João da Silva, (n.º 5) no seu tumulo das *grades de bronze*, (sic) na Capella-mór. — Ms. II, pag. 21.
- 1564 Trasladação da ossada de Diogo Soares de Albergaria e de D. Beatriz de Vilhena, por ordem do 24.º Prior Fr. Amador da Arruda, para a Casa do Capitulo, « como ao presente se acha ».

- A moldura do retabulo de N. Senhora da Piedade tem a data 1564. — Ms. II, pag. 22.
- 9** 1572 Trasladação dos ossos de Gonçalo Gomes da Silva (vindos de Evora), por diligencia do Regedor Lourenço da Silva, *o de Alcacer* (n.º 7). — Ms. II, pag. 27.
- d** 1580 Enterramento de Luiz da Silva, Camareiro-mór de D. Sebastião, junto do tumulo de seu avô o Regedor João da Silva. — Ms. II, 29.
- i** 1582 Morre D. Lourenço d'Almada.
- c** 163? Morre Lourenço da Silva, *o Cego*, Regedor.
- 1665-68 Enterramento de D. Francisco de Faro, filho bastardo do Conde de Odemira, fallecido de doença, no paço de Tentugal, aos treze annos de idade. — Ms. II, pag. 47.
- Jazia entre a Capella da Visitação do claustro e a Sacristia, n'uma sepultura.
- n** 1683 Novembro. — Enterramento de Manuel Mendes de Vasconcellos, fallecido na Quinta de Quimbres. Jazia ao pé do *taburno* da parte do pulpito. — Ms. II, 51.
- 4** 1692 Trasladação dos ossos do 2.º Conde de Aveiras, Luiz da Silva Tello, e da Condessa D. Joanna de Portugal para o tumulo que então se fez e assentou na Capella-mór, da parte da Epistola, no presbyterio. — Ms. II, pag. 53.
- k** 1760 2 de Maio. — Enterramento de Manuel José Soares de Brito, cuja sepultura estava no *Cruzeiro* (sic) em uma campa, com armas e inscripção em letras de bronze. — Ms. v, pag. 8.
- l** 1768 16 de Novembro. — Enterramento de D. Antonio d'Amorim. No *Cruzeiro*, junto á campa de Manuel José Soares de Brito. — Ms. v, pag. 9.

CHRONOLOGIA DOS SENHORES DE VAGOS ¹

Sal. Cap. I — Gonçalo Gomes da Silva, † 1386, I Senhor de Vagos (9).

¹ As referencias são todas a S. Iazár y Castro.

7º — Manoel Mendes de Vasconcellos, Senhor do Esporão e de Villa Nova de Fozcôa.

Pedro da Silva, I Conde de S. Lourenço. Era Regedor em dezembro de 1640, e depois da aclamação de El-Rei D. João IV em janeiro de 1641.

Luiz da Silva, I Conde de Vagos. Seus bens foram confiscados, por seguir o partido de Castella. (Vagos, XI).

João da Silva Tello de Menezes, I Conde de Aveiras. (Vagos, XI).

Luiz da Silva Tello, II Conde de Aveiras. (Vagos, XII).

João da Silva Tello, III Conde de Aveiras. (Vagos, XIII).

Referencias de Salazar ¹

Ayres Gomes — Salazar, Cap. III, pag. 239.

D. Fernando — Id., Cap. V, pag. 260.

Ayres da Silva — Id., Cap. VI, pag. 266.

João da Silva, 3.º do nome — Id., Cap. VII, pag. 271.

Lourenço da Silva — Id., Cap. IX, pag. 285.

Diogo da Silva — Id., Cap. X, pag. 289.

Lourenço da Silva, 2.º do nome — Id., Cap. XI, pag. 290.

Fernão Telles — Id., Cap. XI.

D. Diogo de Castro — Id., Cap. XII, pag. 359.

Manoel Mendes de Vasconcellos — Id., Cap. XI, pag. 290.

Pedro da Silva — Id., Cap. XVI, pag. 300.

Luiz da Silva — Id., Cap. XII, pag. 291.

João da Silva Tello de Menezes — Id., Cap. XIII, pag. 292.

Luiz da Silva Tello — Id., Cap. XIV, pag. 295.

João da Silva Tello — Id., Cap. XV, pag. 298.

¹ Advertimos que a nossa chronologia é resultado de uma cuidadosa confrontação dos melhores autores. Ha quem cite Diogo da Silva, o Alcaide-mór de Lagos (filho primogenito do n.º 5). como Regedor, porque serviu por seu pae, como *interino*; morreu, porém, antes d'elle, 1556. Outros consideram legitimo substituto de Lourenço, o *Cego*, seu filho Luiz da Silva; emfim, ha quem registe Pedro da Silva como simples substituto do citado Luiz (seu sobrinho) porque occupou o cargo apenas na ausencia d'elle. Salazar indica os tres primeiros Condes de Aveiras como sendo os Regedores VIII, IX e X, o que vem a concordar com a nossa relação, visto Lourenço da Silva, o *Cego*, ficar com o n.º VII.

FONTES

(Manuscriptos consultados)

- I.** Livro dos obitos | dos Religiosos do | MOSTEIRO DE S. MARCOS da | Congregação de S. Jeronymo | ordenado e manuscrito | por | *Fr. Nicolau da Cruz*, natural | de Coimbra, e Monge do mesmo Mosteiro | & | Agora copiado por *Fr. Adriano Casimiro de Santa Paula Pereira e Oliveira*, natural | de Coimbra e Monge do mesmo Mosteiro. |
Lisboa, no Real Mosteiro de Belem | 14 de Julho de 1832. | Fol. iv, inn. (Titulo e ao leitor, Texto), 99 pag., e 4 pag. do Catalogo dos Monges exemplares do Mosteiro de S. Marcos, e 4 de Indice.
Vae até *Fr. Sebastião de Santa Maria*, fallecido a 13 de Junho de **1681**.
- II.** Directorio de Religiosos | ou | CATALOGO DOS PRIORES | do Mosteiro de S. Marcos | Ordenado e manuscrito | pelo | etc. *mesmo* Religioso (Os mesmos dizeres no Tit. até Belem).
Lisboa, no Real Mosteiro de Belem | 6 d'Agosto de 1832. Fol. de II, inn. (Tit.) 53 pag. e 4 inn. de Indice. No sub-titulo, a pag. 1, diz-se — ordenado e escrito, anno 1690. As noticias vão até **1692**.
- III.** Fundação | do | Real Mosteiro de S. Marcos | . Extrahida da *Chronica manuscripta* do P.^e M.^e Dr. *Fr. Manoel Baptista de Castro* & da *Chronica manuscripta* em latim do P.^e M.^e *Fr. Diogo de Jesus* pelo mesmo *Fr. Adriano Casimiro*. Belem, 10 de Outubro de 1832.
Fl. de II, inn. (Tit.) 14 pag. sendo 4 em latim. Cita factos até ao anno de **1680**.
- IV.** Fundação do Mosteiro de S. Marcos | por *Fr. A. C. P. O.* Fol. de 28 pag. (incompl.). Fallam as 2 primeiras paginas.
É de **1833**, como se vê a pag. 12, onde falla do « presente anno 1833 ».

As primeiras noticias para a obra remontam ao P.^o Fr. Manuel da Conceição, que depois se chamou Fr. Manuel de Magalhães (appellido paterno).— Recebeu o habito em **1636**, professou em **1637**. Nasceu em Lisboa de paes nobres, sendo prior Fr. Bento de Sequeira, pag. 87.

V. Relação das | Sepulturas | DA FAM.^a DOS SILVAS | e d'outras | Pessoas illustres q̃ estão | na Igreja | do Mosteiro de S. Marcos. | A. D. 1-8-3-2 (sic).

Fol. de fi. inn. do Tit. — 9 pag.

No sub-titulo diz (pag. 1) que tirou as noticias de um ms. da livraria de Belem. Assignado no fim (pag. 9) pelo mesmo religioso Fr. Adriano. Belem 4 de Agosto de 1832.

Indica inscripções tumulares até **1768**.

Genealogia dos Silvas (Ms. pertencente ao autor):

VI. Livro d'onde se dá conta da Casa dos Silvas do Campo Mayor e das mais casas que d'ella descendem. In fol. de 1-64 folhas de letra do 1.^o terço xviii; as noticias não passam todavia da 2.^a metade do sec. xvii. Contém muitas informações que não se encontram na grande obra de Salazar y Castro.

As obras impressas vão citadas no corpo da obra.

A segunda parte d'este estudo abrangerá a apreciação do monumento de São Marcos como obra de arte de primeira ordem, comparado com os labores artisticos congeneres, existentes no paiz..

Julgamos ter reunidos hoje os materiaes sufficientes para estabelecer a filiação dos architectos e esculptores de São Marcos com os que trabalharam nos seguintes logares, deixando ahí obras ainda hoje admiraveis:

Lisboa; Cintra; * Azeitão; * Alemquer * Merceana * Obidos;

Santarem, Thomar;

Coimbra * Goes * Guarda;

* Aveiro * Agueda;

Evora * Portalegre * Estremoz * Villa-Viçosa ¹.

Representam estes grupos os seguintes periodos da *Renascença portugueza*, sub-divisão nossa :

Primeiro periodo 1480-1520

Segundo periodo 1520-1560

Terceiro periodo 1560-1620

Quarto periodo 1620-1720 (Transição e baroque)

O snr. Haupt, superficialissimo nos seus estudos sobre a architectura da Renascença em Portugal ² limitou-se, como já affirmámos em 1896 ³, a glosar os monumentos que pôde desenhlar por photographias ⁴, muitas vezes sem se dar ao incom-

¹ As estrellas, junto aos nomes indicam, as localidades que o snr. Haupt não visitou, apesar de lá existirem monumentos da Renascença de primeira ordem, alguns d'elles superiores a outros que o escriptor alemão classifica em primeiro lugar.

² *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* (desde o advento de D. Manuel até ao fim do dominio hespanhol).

Frankfurt, 1.º vol. (*Lisboa e arredores*), 1890, com 151 pag.; 2.º vol., 1895 (a *Provincia*), com 166 pag. Descontando o espaço occupado pelas illustrações, fica a substancia do texto reduzida a metade (150 pag.), a um magro esboço, em que os erros historicos e technicos (incluindo desenhos phantasiados no gabinete e, portanto, errados) se contam ás duzias.

O que o snr. H. diz, por exemplo, de S. Marcos (duas pag. e um desenho!) está abaixo de toda a critica. As provas não faltarão.

N'uma palavra: pretender reduzir um periodo de 145 annos (1495-1640) a uma improvisação de cento e meio de paginas, é sem-cerimonia. De resto, o snr. H. mette na sua « aguarella historica » monumentos datados de 1675, e até de 1692, como obras da Renascença (datando-os do sec. XVI), estando lá os algarismos! Guiando-se pela chronologia geral da arte, esquece, a cada instante, que o nosso movimento artistico nem sequer acompanhou o hespanhol, de frente, quanto mais o italiano!

³ Vide a introdução e as notas á edição dos *Dialogos da Pintura* de Francisco de Hollanda, onde promettemos analysar as levandades do autor allemão.

⁴ Tres quartas partes das suas illustrações são obra dos

modo de penetrar n'elles. É duro ter de dizer-se isto a um homem do officio.

O sr. H. esteve em Portugal em duas occasiões. Da segunda vez, não passou da bacia do Tejo; ficou-se por Lisboa. O seu itinerario, e o seu processo de exploração em cada um dos passeios, será miudamente analysado.

No segundo volume, — distanciado cinco annos do primeiro! — repete-se frequentes vezes, para emendar erros, ou preencher lacunas do tomo antecedente, trahindo-se n'esses additamentos e emendas disfarçadas, a precipitação com que foi redigido o texto do volume inicial.

Embora falle, por exemplo, nas cathedraes da Guarda e de Miranda do Douro, de passagem, conhece-se pelos graves erros accumulados em poucas linhas, que nunca lá esteve. Não passou do litoral do reino e das commodas linhas ferreas que o atravessam.

A periodisação, que estabelece, é totalmente differente da nossa; deviamos dizer que o escriptor germanico offerece não *uma*, mas uma serie fluctuante, que vai successivamente emendando e inventando *ad hoc*, conforme as conveniencias de uma redacção feita sobre o Joelho.

Embora Portugal seja um paiz pequeno, ainda dará que fazer a duas duzias de architectos, quando sejam da força do sr. H.; nem nós estamos na época de Raczyński para admitirmos, sem protesto, os mesmos processos de trabalho de que o illustre conde usou e abusou.

O sr. Haupt foi em Portugal apenas um *touriste* curioso, architecto nas horas vagas.

Senão vejamos; olhe o leitor commigo para o mappa de Portugal.

Não transpoz a linha de Vizeu e Lamego, como não pas-

snrs. Rocchini, Bobone, Camacho, Serra (em Lisboa), Biel (Porto) e de photographos de Coimbra, bem conhecidos: Santos, Sartoris, etc. Não condemnamos um architecto por recorrer a photographias. A probidade scientifica manda, porém, declarar as *fontes*, sobretudo quando o publico (o allemão n'este caso) está longe, e quando um auctor se dispensa, por causa das photographias, de entrar nos edificios. Falla de cidades e ajuiza de monumentos (que classifica e agrupa por simples informações de portuguezes *curiosos!*) onde nunca pôz as suas sandalias, aliás não commetteria erros de palmatoria. Isto prova, pelo menos, uma grandissima leviandade.

sou a linha de Chaves e Villa Real, e mais ao nascente a linha de Miranda do Douro e Moncôrvo. Esteve em Elvas, e não visitou as cidades e villas que a cercam, e onde abundam bellissimos monumentos da Renascença! (Borba, Villa Viçosa) e outras. Entrou em Beja e desprezou a incomparavel Vianna do Alemtejo, a duas horas de distancia. Foi a Alvito, a dois passos de Vianna, e não penetrou no celebre castello, que todavia intenta classificar! Passemos ao Norte. Esteve em Vianna e não viu Barcellos; desceu a Amarante e deixou Penafiel e Bustello a um canto, logares notaveis, que alcançava em poucas horas. Demorou-se no Porto e dispensou-se de examinar conventos de primeira ordem nos arredores, como Grijó e Moreira da Maia; não teve olhos para estudar paços, como o de Santa Cruz do Bispo, irmão do de Fontello (Vizeu), ambos do meado do seculo xvi. Mas agradou-lhe o palacio do Freixo, á beira do Douro, posto que seja uma obra *baroque* da época de D. João v, porque — a casa Biel lhe forneceu uma linda photographia, que se prestava a uma *silhouette* pittoresca. É isto serio? Será isto trabalho scientifico? ou condiz este procedimento com o saber em que primam geralmente os allemães?

Pois amigo leitor: é o panno da amostra. O melhor ainda ha de vir.

(Continúa).

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

ERRATAS E OBSERVAÇÕES

Temos de fazer as seguintes :

Na inscrição **H^{bia}**, pag. 91, o x, pertencente á data ccccxiii annos, tinha entre as hastes superiores um i romano, o que vale por 40.

Pag. 94, linha 20, de cima : que sendo distinctos ; leia-se: extinctos.

Pag. 96, linha ultima do texto : sem religiosos ; leia-se: som.

Pag. 99, linha 41 : autoridade da Juizes ; leia-se: de Juizes.

Pag. 105, linha 38 : Sobre esta propriedade ; leia-se : Sobre a propriedade ; trata-se antes da Quinta de S. Marcos, e a que segue é a Quinta da Silva, de Valença do Minho.

Pag. 106, linha 18 : nom façadas ; leia-se: nom façades.

Pag. 108, linha 14: Ayres da Silva (**n.º B**) ; leia-se: **n.º 3**. Esta emenda é essencial, porque o signal B (maiúscula) não apparece na planta.

Pag. 114, linha 24: no corpo da obra ; leia-se: no corpo d'esta monographia.

Por ultimo, algumas observações importantes :

O signal de ? junto aos nomes, no capitulo 1 *Annaes de familia*, ou biographia dos Silvas, indica que é duvidoso que as pessoas citadas fossem sepultadas em S. Marcos.

As letras junto ás datas, nas pag. 106-109, relacionam-se com a planta das sepulturas.

As inscrições **3** e **7** faltam em Barata. São citadas pela primeira vez. São ineditas todas as restantes, desde **a** até **s**.

As medidas indicadas na base da planta são as dos Codices mss. Damol-as a titulo de curiosidade. Estão erradas, em parte.

Devo os mais cordaes agradecimentos ao meu respeitavel amigo o snr. Joaquim Martins de Carvalho, illustre decano dos jornalistas portuguezes, pela inapreciavel fineza de me haver facultado o exame dos Codices I e V, que pertencem á sua rica e escolhida livraria. A minha gratidão é tanto mais viva que, por me haver deferido o pedido, se privou d'elles. E fez isto no momento em que se dispunha a continuar a publicação de certos extractos dos Codices, no seu *Conimbricense*, embora não a emprehendesse com o mesmo intuito de critico ou historiador da arte.

A publicação do snr. Barata sahio n'um volume pouco conhecido: *Miscellanea historico-romantica*, Barcellos, 1878, em 16.º, pag. 95-117. Tem o titulo: *Breve memoria descriptiva do convento de S. Marcos*, a duas leguas de Coimbra.

Uma parte (pag. 95-102) é narrativa romantica; o resto contém, infelizmente, grande numero de erros: datas, inscripções, emblemas, brazões: tudo ou trocado ou errado, ou mutilado, quando não simplesmente omittido, onde não soube lêr. Como não tomou notas seguras sobre a disposição das sepulturas existentes, trocou a topographia!

O snr. Sousa Viterbo disse na revista *Branco e Negro*, fins de 1896, umas banalidades sobre S. Marcos, copiadas do opusculo de Barata, sem o citar; aos erros do seu informador juntou outros, com as classificações as mais ingenuas, para illustrar os seus titulos de *professor de historia da arte, archeologia e esthetica*, na illustre Academia Real de Bellas-Artes de Lisboa; e de abalisado medico que é, além d'isso.

Porto — Agosto de 1897.

J. DE VASCONCELLOS.